

Olimpismo

Como fabricar uma campeã!

Fu Mingxia

da ginástica para o mundo aquático.

por:
Íldio Torres



Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal



Fu Mingxia, campeã chinesa e olímpica, predestinada e orientada para a vitória!

Apaixonada pelos saltos para a água, nascida em Agosto de 1978, em Wuhan, província de Hubei, saltou da afirmação nacional chinesa para a confirmação mundial e olímpica - cinco medalhas conquistadas em três edições, quatro delas de ouro. Deu início à sua odisseia nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, venceu o salto de 10 metros, em Atlanta, em 1996 - voltou a ganhar o mesmo salto e trampolim de 3 metros na terceira participação, em Sidnei, nos 3 m e prova sincronizada. Os resultados deram-na como a melhor atleta da década de noventa - afirmou-se também nos Mundiais de 1991 e 1994. Os seus resultados desportivos dão-na, a par do também chinês Guo Jingjing, como das melhores saltadoras de trampolim do mundo inteiro. Predestinada, deu início à sua formação atlética, na ginástica, cinco anos apenas - muito cedo optou pela natação, os saltos para a água, com apenas nove anos. Saiu de casa e foi integrada num projeto desportivo na equipa nacional chinesa, em Pequim. Com doze anos, apenas, era já campeã do



mundo, a mais nova da história, uma precocidade atlética que iria provocar na Federação Internacional de Natação a iniciativa de estipular a idade mínima e a respetiva divisão por categorias, a idade mínima de catorze anos para disputar um campeonato mundial. Abandonou a competição nos Jogos de 2000 - dois anos decorridos abraçou o casamento, por sinal, o marido Antony Leung, era homem de negócios e político - foram para Hong Kong e vieram os filhos. Fu Mingxia nasceu no seio de uma família da classe trabalhadora, à partida, sem grandes meios de subsistência que não fosse o resultado do trabalho diário - habitava a cidade de Wuhan, uma comunidade muito chegada ao Rio Yangtze, no centro do território chinês. Ainda uma criança buscou o fenómeno desportivo graças à influência de uma sua irmã, mais velha e breve demonstrou uma enorme capacidade para a prática desportiva com especial incidência para o domínio e controlo do corpo. Todavia, as demonstrações destas qualidades não devem ter chegado para aquilo que talvez

desejasse - os treinadores responsáveis não a animaram a seguir a ginástica, talvez muito boas para o mergulho. Esta opinião parece não a ter animado muito pois ainda não havia completado os sete anos e até nem sabia nadar! Assim sendo e atendendo aos conselhos técnicos largou a ginástica e foi para o trampolim - isto em 1989, na cidade de Pequim, ingressando num internato que era patrocinado pelo estado chinês, da área do mergulho - sorte que haveria de a levar a um padrão muito alto, tanto a nível nacional como internacional. Um dos pormenores quicá pouco da área europeia diz respeito à política desportiva do estado chinês - quando deteta alguma criança com aptidões fora do normal, é prática comum, influenciar o atleta a deixar o solo paterno e seguir o rumo estatal, sendo internada em escolas especiais do estado - integra uma autêntica máquina de "fazer atletas"! Assim aconteceu a Fu Mingxim. No centro de treinos e formação para onde foi levada, breve deixou de lado os medos e os receios e assim enveredar

pelos saltos para a água, coisa nada fácil. Treinava quatro a cinco horas diárias nos sete dias da semana chegando a efetuar 100 mergulhos por dia! Esta forma de encerrar a preparação desportiva levou-a a um corte, a um afastamento da família - só tinha autorização a visitar a família duas vezes por ano! A sua primeira conquista internacional aconteceu nos Estados Unidos onde venceu. Paralelamente foi induzida a um gosto tremendo pela música.





OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

BARBARA JONES

“Faça sempre o seu melhor e não se contente com menos – mostre a sua grandeza”.



intimamente, ligado a uma das maiores glórias olímpicas de todos os tempos, o campeão americano Jessie Owens que, muito cedo, deu conta das potencialidades da menina e a ajudou no percurso que fez até aos Jogos Olímpicos de Helsínquia de 1952 na Finlândia com os seus 15 anos anitos e uns dias.

A jovem era uma “senhora” com um carácter um pouco difícil, um feitio que por vezes lhe complicava a vida. Uma das suas companheiras recorda o período, uma noite que antecedeu a dita estafeta dos 4x100 metros, planos, e que haveria de ditar a vitória da equipa americana. Inconstante, abandonou a aldeia olímpica, eram duas da manhã, vestida de uma

maneira que parecia ir para uma festa de Carnaval. Vagueou pelas ruas e até experimentou umas voltas na roda gigante existente em Helsínquia. Valeu-lhe uma companheira de equipa e o atleta de boxe, o célebre Floyd Patterson, um fenómeno que viria a tornar-se campeão olímpico e mundial – conseguiram demovê-la e levá-la de volta para a aldeia olímpica. O pouco tempo de descanso a que se obrigou não impediu que Barbara viesse com a sua equipa de estafeta a ser no dia seguinte campeã olímpica batendo o record. Possuía excelentes potencialidades de velocista e chegou mesmo nos Jogos Pan-Americanos no México a fazer um tempo que noutra realidade a tornava recordista mundial dos

100 metros. Não acreditou e chegou mesmo a desmaiar de emoção. Não descorou a sua formação pessoal e profissional, obtendo a licenciatura na Universidade Estadual de Tennessee com grau BS em Saúde e Educação Física – mais um mestrado em educação física obtido na Universidade Estadual da Geórgia. A campeã teve uma vida marcada pelo Escutismo um movimento que abraçou com seu irmão. Possui duas condecorações, distinções concedidas pelo Governo Americano, em 2007, por George W. Bush com a Medalha Presidencial Campeões na Academia e em 2010, premiada com o Lifetime Achievement Award do presidente Barack

Norte-americana, negra, quinze anos e cento e vinte e três dias feitos quando, naquele tempo, conquistou o ouro olímpico – Bárbara Jones arrecadou a respetiva medalha nos 4x100 metros, estafetas, nos Jogos Olímpicos de Helsínquia, em 1952, fazendo equipa com Mae Faggs, Janet Moreau e Catherine Hardy. Voltou a estar presente nos Jogos seguintes mas não conseguiu vencer. Quatro anos depois, nova tentativa e novo ouro nos Jogos de Roma, em 1960, na mesma prova e na companhia de Martha Hudson, Lucinda Williams e Wilma Rudolph. Barbara era defensora de uma máxima demonstrativa do seu perfil e até certo ponto, a justificação do seu êxito enquanto atleta olímpica, um legado para os seus filhos de que ela muito se orgulhava: “Faça sempre o seu melhor e não se contente com menos – mostre a sua grandeza”. O sucesso de Barbara Jones está,



Seja mais um assinante

N SEMANÁRIO Notícias de Esposende e Barcelos

A notícia sem censura...

8 anos a falar verdade



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

Irena Szewinska A fuga da morte para a glória

Holocausto.

Nove milhões de judeus radicados em território europeu – seis milhões sacrificados às mãos dos nazis: um milhão de crianças, dois milhões de mulheres e três milhões de homens – todos em nome da glória e do poderio alemão!

Assassinatos em massa, o genocídio em campos de concentração.

Os Kirzenstein, um casal de judeus polacos, tiveram a sorte de resistir à sentença de morte em Leninegrado (naturais da Rússia mas de nacionalidade polaca) e após a libertação Aliada, tiveram a felicidade de regressar à sua Polónia com uma menina nos braços, um milagre daquele horrível campo de concentração – deram-lhe o nome de Irena Szewinska.

Refizeram a sua vida em Varsóvia e, desde menina até mulher, Irena iria patentear qualidades atléticas que a levariam à glória olímpica, uma recordista mundial.

Aos catorze anos, iria trocar a ginástica por quem se havia enamorado, na escola, pelo atletismo. Quatro anos depois denotava já um desenvolvimento que a catapultou aos Jogos Olímpicos de Tóquio de 1964 - regressou a casa com três medalhas, uma de ouro e duas de prata.

Continuou os estudos, obteve o mestrado de economia e casou com um treinador, razão do sobrenome Szewinska.

Volta ao mundo Olímpico e nos Jogos do México de 1968 conquista o ouro nos 200 metros, recorde mundial.

Segue-se uma série de êxitos internacionais.

Já mãe e na possível recuperação obtém nos Jogos Olímpicos de Munique de 1972, mais uma medalha de bronze. Mais quatro anos e mais uma edição, a de Montreal de 1976 para se afirmar a melhor dos 400 m. Terminou a saga olímpica nos Jogos de Moscovo de 1980.

Conclusão: uma menina com uma improvável vinda a este mundo, escapa à sanha devoradora do morticínio hitleriano e consegue cinco presenças nos Jogos Olímpicos, sete medalhas e mais cinco nos Europeus.

Resumindo: entre 1964 e 1980 teve a oportunidade de participar em cinco edições olímpicas, tendo arrecadado sete medalhas, três delas de ouro: Tóquio/1964, México/1968, Munique/1972, Montreal/1976 e Moscovo/1980.

Na sua vida desportiva bateu seis recordes mundiais, com destaque para os 100m, 200m e 400m. A sua participação nos Europeus rendeu-lhe dez medalhas – mais concretamente, de 1965 a 1979, conquistou vinte e seis títulos nacionais, trinta e oito recordes nos 100, 400 e salto em comprimento.

Foi Presidente da Federação de Atletismo da Polónia e membro do Comité Olímpico Internacional desde 1998, a Atletista do Século da Polónia.

Foi designada Membro do Hall da Fama dos Desportos Judaicos Internacionais – igualmente do Hall da Fama da Federação Internacional de Atletismo Amador (FIAA).



Seja mais um assinante



A notícia sem censura...

N SEMANÁRIO

8 anos a falar verdade

Nas bancas de Esposende e Barcelos ao Sábado



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

México, 1968 Um suicídio vencido



A criatura abeirou-se da grade protectora da ponte e encostou o corpo. Trémula, assestou o olhar no que à sua frente jazia, porque desde o Estádio Olímpico até ali, havia percorrido o caminho, uma distância com a mente minada por ideias suicidas. Mirou fixamente o horizonte e, baixou, lentamente, o olhar pela água que deslizava, natural e alheia.

No momento em que as suas mãos apertavam e sentiam o frio da grade da ponte, ainda a mulher se encontrava na indecisão ou na falta de ânimo para galgar aquele obstáculo e lançar-se nas profundezas do rio. Estava disposta a pôr fim à vida, tocada por algum desgosto, alguma desilusão. Porém, no momento em que poderia ter tomada a pior

decisão da sua vida, sentiu que outras mãos a tocaram, um travão para o salto - primeiro, o contacto e a pressão dessas tais mãos e depois as palavras de desincentivo, de conforto e de conselho.

A atleta jugoslava, Vera Nikolich, seleccionada pelo seu país, defendia um título que a tornara campeã do mundo dos 800 metros. Na prova daqueles Jogos Olímpicos do México de 1968 defendia o seu título e buscava um novo triunfo, a medalha de ouro que albergava uma carga honorífica maior que a de um qualquer mundial. Partiu decidida a patentear a sua condição e as suas capacidades e, segundo a segundo, foi conquistando terreno e a vontade de que iria vencer aqueles oitocentos metros.

Circunstâncias do momento, azares da vida, algo a fez tombar estatelar-se na pista e repentinamente assumir que a vitória estava já fora do seu alcance - cortou a meta com as lágrimas a correrem-lhe pela face, uma desilusão tremenda. Com a rapidez com que chegou à meta mais depressa buscou o balneário e a fuga para o exterior. No momento em que havia decidido saltar e voar para uma morte certa um anjo da guarda surgiu-lhe. Era o seu técnico que teve a premonição de que a sua pupila havia fugido do Estádio disposta a alguma coisa má.

Salvou-lhe a vida!
Vera Nikolich foi a atleta mais rápida do mundo durante mil e oitenta e quatro dias. Entregou-se muito cedo à prática do atletismo, tinha apenas treze anos e aos dezoito estava já no topo da modalidade.

Natural de uma aldeia de Grabovica, muito chegada a Despotovac, veio a este mundo em Setembro de 1948 - o pai, Mika Nikolich era ferreiro. Muito cedo despertou para o atletismo - com apenas treze anos já começava a dar nas vistas no desporto escolar - foi descoberta pelo especialista Aleksandar Petrovic que a convenceu e aos pais a seguir uma carreira desportiva. Em apenas um ano de trabalho (juniores) começava a dar provas do seu talento, tanto na Sérvia como na Jugoslávia e a despertar a admiração dos grandes. Aos dezasseis era já campeã dos Balcãs, o visto para aos dezoito se guindar campeã da Europa nos 800 metros, alcança prémios e distinções e em 1967 era declarada campeã do ano da Jugoslávia. Um ano depois alcança o record mundial, mais do que o passaporte para os Jogos Olímpicos do México onde passou os tais maus bocados, uma pressão que a perturbou durante algum tempo - decidiu mudar-se para o AK DINAMO de Zagreb e reiniciar com um novo técnico, Leo Lang.

Já recuperada foi bronze no Europeu de 1969 em Atenas, dois anos depois volta ao ouro em Helsínquia e volta aos Jogos Olímpicos de Munique de 1972 mas sem um lugar no pódio. Abandonou a prática do atletismo em 1974, casou e teve filhos (3).

A vida não lhe sorriu.



*Seja mais um assinante
deste Semanário*

informação independente





OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

PAULA BOLOPA *O que interessa é participar!*



O costumado, institucional e filosófico procedimento ligado à fruição de um atleta quando dá corpo à sua participação numa edição olímpica – assim o entendia o visionário Pierre de Coubertin quando sonhou e conseguiu fazer ressuscitar os Jogos Olímpicos.

Nos tempos que correm, assim não pensa um ou outro Comité Nacional relativamente à selecção dos seus atletas com destino aos Jogos Olímpicos e centra a sua atenção, naturalmente, as prestações por eles demonstradas e até subordinadas a patamares ou marcas obrigatórias, salvo algum inesperado facto a ter em conta.

Todavia, nem sempre assim aconteceu e os procedimentos normais têm sido adulterados face a alguma estratégia a seguir, enquadrada em intenções até certo ponto compreensíveis, mas não justificadas.

Apoiado numa política de sensibilização e aumento do número de países representados no Movimento, o Comité Olímpico Internacional lançou o desafio a alguns que nunca se haviam feito representar. Esta decisão aconteceu num período anterior aos Jogos Olímpicos de

Sidney, em 2000, na Austrália – respondeu a esse desafio a Guiné Equatorial que se encaixava nesse campo.

E o que fez esse país africano? Simplesmente, alguns meses antes dos Jogos, decidiu fazer um anúncio, através da rádio, declarando recrutar voluntários interessados em participar nas provas de natação em Sidney. Para quem aceitou o repto, o governo submeteu-os a uma prova seletiva, na modalidade de natação, no Hotel Ureca, na cidade de Malabo, dado que era o único que possuía uma piscina – uma “mini” com doze metros de comprimento destinada aos seus hóspedes! Responderam à solicitação, duas pessoas: um homem, Eric Moussambani, e uma mulher, Paula Barila Bolopa, esta, profissionalmente, caixa de uma mercearia. E a prova seletiva não passou de um mergulho e umas braçadas até à beira oposta – ambos sabiam nadar! Assim decorreu o que os haveria de levar até ao continente australiano a fim de representarem a Guiné Equatorial, uma tremenda ingenuidade!

E foi um completo desastre a prestação de ambos os atletas. Paula Bolopa inscrita na prova dos 50 metros livres (crawl) participou realmente mas acabaria por terminar aquela distância gastando nada mais nada menos que o dobro do tempo da vencedora! Impressionante o espetáculo dado perante a estupefação de um público em busca de uma justificação.

Em jeito de brincadeira alguém a apelidou de “Crawler”. O desempenho da Paula não deixou de provocar a atenção dos jornalistas presentes que a rodearam e dispensaram um cuidado mediático semelhante ao de uma qualquer campeã! Liberta dessa pressão ainda teve tempo para confessar que foi a primeira vez que nadou cinquenta metros, no mais longo tempo da história dos Jogos Olímpicos.

Houve até quem se aproveitasse daquele triste espetáculo e num órgão da comunicação social ter feito um retrato pouco digno da atleta que, de nada tinha culpa, ela que foi vítima!

Assim o referido jornal ironizava dizendo que antes do sinal de partida, a fim de molhar o corpo, a atleta

equatoriana se lançou, de barriga, à água, e afundou como uma pedra, talvez devido ao choque com a água – que foi necessário ser retirada da piscina – que o seu nadar provocou a imediata preocupação dos responsáveis e até sorrisos da assistência.

A verdade é que lá conseguiu nadar, ao seu modo e do jeito, como sabia e era capaz, sempre muito encostada à corda num estilo pouco ortodoxo, ao jeito de um cão.

O que interessa é competir mas ... saber nadar!





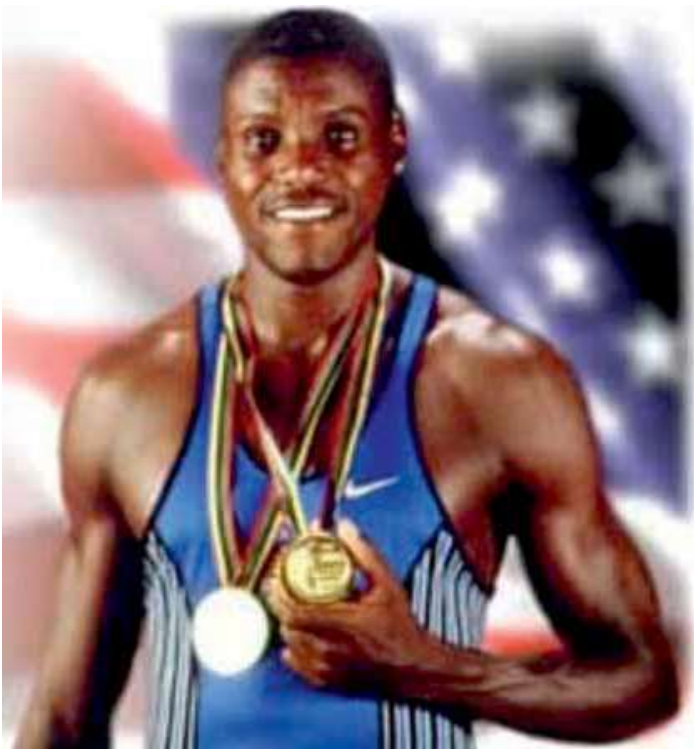
OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

CARNE DA TUA CARNE! CARL LEWIS - CAMPEÃO



Quedo e atormentado pelo sofrimento, prostrado e rendido à evidência de um corpo já cadáver que, à sua frente, jazia, e lhe anavalhava as entranhas.

Olhou-o fixa e dolorosamente. Um turbilhão de sentimentos invadia o seu espírito e, cada vez mais forte a imagem do *velhote* que, inerte e impotente à sua frente e que não conseguiu escapar aos desígnios da existência humana: a inexorável morte.

Carne da tua carne - uma hipotética e sentida exclamação que poderia brotar daquele vulcão de dor, a meta de um percurso terreno, a figura estática de um jovem, olhos assentes no pai, patente naquele cenário fúnebre.

William McKinley Lewis recebia as derradeiras homenagens da família e dos amigos, naqueles momentos que antecediam a

viagem final. Havia sucumbido, vítima de uma morte súbita, naquele ano de 1985 - para trás, um desempenho na área desportiva como técnico de atletismo e até a militância e apoio à luta pela igualdade de direitos, pensamento em Luther King.

Era uma cerimónia como tantas outras que assinalam a despedida da vida terrena, com a presença daquele jovem, o filho querido, por sinal um seu pupilo das lides desportivas, um campeão olímpico: "Carl Lewis, um "medalha de ouro"! Súbita mas premeditadamente arquetizado, o jovem abeirou-se do fêretro, olhos fixos no pai.

Tomou a decisão mais corajosa e ternurenta de toda a sua vida: sacou do bolso a última medalha de ouro que havia conquistado nas pistas olímpicas e depositou-a nas mãos do falecido que as tinha cruzadas no peito. O gesto

provocou, obviamente, a surpresa de todos os presentes, com especial incidência a de sua mãe, a inconsolável viúva que, de imediato, se abeirou do filho. Tão estranha como o resto dos que estavam naquele velório, acabou por inquirir sobre o destino que estava a dar a tão precioso e desejado troféu, uma medalha de ouro olímpica! A senhora mãe, junto a Carl Lewis, ainda teve forças para lhe perguntar se queria que tão significativo objeto, a sua medalha, acompanhasse o pai naquela incontornável viagem. O jovem abraçou a mãe e ainda conseguiu bocejar uma desculpa, quiçá, uma justificação:

- Não se preocupe, terei de ganhar outras!

Carl Lewis acabaria por confessar aos amigos que esta atitude o iria marcar para o resto da sua vida e constituir, no futuro, a verdadeira motivação para lutar nas pistas, embalado para outras conquistas.

Frederick Carl(ton) Lewis, seu nome completo, dos Estados Unidos da América, nasceu no dia 1 de Julho de 1961, em Birmingham, no Alabama. Era o terceiro filho de um casal de treinadores de atletismo e durante a infância e adolescência, foi dono de uma estrutura física muito frágil, ele que nunca havia demonstrado potencialidades para a modalidade onde haveria de conquistar um lugar no rol dos melhores atletas de todos os tempos. Apesar de classificado para os Jogos Olímpicos de 1980 em Moscovo não chegou a participar devido ao boicote dos EUA à edição.

Durante o seu percurso olímpico conquistou dez medalhas (nove doiradas), e as suas vitórias estenderam-se de 1979 até 1996, ano da sua última conquista olímpica, a da sua retirada. Esteve, então, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles

(1984), Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996). Destacou-se nas provas dos 100, 200, 4x100, 4x200 e no salto em comprimento - para além das suas conquistas olímpicas foi convincente nos campeonatos do seu país e nos mundiais.

Foi considerado "*Desportista do Século*" pelo *Comité Olímpico*, assim como o "*Atleta do Século XX*" pela Federação Internacional de Atletismo - pelo mesmo e competente organismo foi nomeado embaixador da FAO.

A sua vida atlética não esteve imune à mácula do doping. Em 1988 foi acusado de consumo de estimulantes proibidos, uma questão desmontada pelo Comité Olímpico dos Estados Unidos que reconheceu a substância proibida como um medicamento usado no tratamento de uma gripe. A suspeita foi apagada e a nota de culpa remetida para uma simples advertência. Teve de enfrentar uma onda de rumores que o indiciavam como homossexual, sustentados no pressuposto modo de vestir e se arranjar, uma acusação por ele, rejeitada! Esta particularidade haveria de lhe acarretar alguns prejuízos, mais concretamente no que dizia respeito às marcas que o apoiavam.

Verdade ou mentira, são assuntos do foro íntimo de cada um.

Curiosamente, Carl Lewis ainda tentou uma incursão na política - um lugar no Senado, em 2011, como democrata, oportunidade rechaçada pela inexistência da sua qualidade de residência.

OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

NEGÓCIOS MAL PARADOS! *Sexo anulado*



A participação de um atleta numa qualquer edição dos Jogos Olímpicos obriga-o ao cumprimento de determinadas obrigações, enfim, uma conduta o mais correta possível.

Um hipotético desvio do seu comportamento pode revelar atitudes não consentidas com repercussão da sua imagem individual e do seu país de origem, colocando-o em causa. Temos de convir que situações do foro íntimo de cada um deverão estar condicionadas a uma privacidade que poderá desviar para o desconhecido muitas e muitas coisas de certa importância. Segundo o nosso povo, cada um é dono de si mesmo! Porém, o fenómeno que o rodeia, tece-lhe ou apresenta-lhe autênticas armadilhas que no caso de um atleta, obrigam a uma ponderação de atitudes a fim de evitar possíveis escândalos.

Estes pressupostos certamente que não foram tidos em conta nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, por um grupo de cinco atletas arménios que programaram algo diferente para um determinado momento de ócio e de pulsação libidinosa do coletivo. Alguém sugeriu uns momentos bem passados adornados por um clima um pouco libertino, capaz de sacudir a pacatez daquela parte do dia. O clima reinante

determinou que os cinco “homens” fossem sacudidos por algo que lhes poderia passar ao largo - mas não passou e no reino da masculinidade alguém sugeriu um tempo bem passado no reino de outras “corridas”!

Um deles foi encarregado de contratar uma prostituta, tarefa que foi cumprida através de um hipotético contrato de cem dólares em troca de uns momentos bem passados.

Tratava-se de um grupinho de cinco homens da halterofilia e não sabemos se essa particularidade afectou o sossego da moça que exigiu o pagamento adiantado do serviço. Porém, quando todo o mundo se preparava para uma farra, brotou a desilusão porque a contratada rapariga resolveu desaparecer, levando consigo os cem dólares!

Detectada a fuga da moça, enfurecidos pela desilusão crescente, os cinco desataram numa perseguição a fim se tentarem encontrar a dita mulher. Todavia, o modo como o fizeram acabou por despertar a atenção dos responsáveis do prédio e das pessoas afectas que foram incomodadas por aquela estranha corrida de cinco matulões na perseguição de uma inocente rapariga!

Dado o alarme e solicitada a presença da autoridade, os cinco foram levados pela polícia para a esquadra onde acabaram por sossegar os ânimos exaltados. Não sabemos os pormenores da detenção nem a resposta dos responsáveis da Delegação Arménia mas o certo é que acabaram por serem postos em liberdade, umas horas mais tarde.

Dizem que ninguém apresentou uma queixa formal e assim os cinco excitados halterofilistas arménios regressaram aos seus aposentos e talvez dando graças ao seu deus pelo fim a que chegou o acontecimento que na verdade conseguiu passar à margem do conhecimento público. Cem dólares mal gastos ou bem ganhos pela mulher fugidia!



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

Inconcebível no desporto



Agachado, afagava a parte dianteira do pé esquerdo, um dedo, manifestamente afectado e um esgar de dor, denunciador.

Alheio a tudo o que à sua volta gravitava, acabou por reagir por a uma decisão do juiz do combate que, expectante, havia contabilizava o tempo estipulado para aquele tipo de hiatos, obedecendo aos preceitos legais.

Angel Matos, cubano, atleta de taekwondo em questão, participava nos Jogos Olímpicos de Pequim, 2008, na dita modalidade, num combate para apuramento do terceiro classificado, a medalha de bronze, na categoria de 80 k.

Nesse momento o cubano defrontava Arman Chilmanov,

do Casaquistão e liderava por uma marca de 3/2.

Assim aconteceu quando Angel Matos, denunciando uma lesão no pé, solicitou uma paragem que, em termos técnicos é designada por Kyeshi. Este momento dava-lhe oportunidade para verificar das suas reais capacidades em continuar o combate, solicitar mais tempo ou desistir e até perder. Assim, nesse sentido, o árbitro sueco, Chakir Chelbat, concedeu-lhe 40 segundos que o cubano aproveitou mas não cumpriu porque, após esse período, a lei o obriga a regressar ao centro, tempo que foi ultrapassado porque, na verdade, Angel, segundo o que foi apurado mais tarde, tinha um dedo do pé esquerdo partido. Entretanto como não cumpriu o estabelecido, o

árbitro deu por findo o combate e declarou Chilmanov vencedor.

Esta decisão não foi aceite pelo vencido que num acesso de fúria, se abeirou do juiz e lhe desferiu um golpe, um pontapé no rosto que o deixou a sagrar, assim como num outro membro da organização.

O caos instalado.

O atleta cubano foi, de imediato, rodeado por seguranças que o retiraram do recinto sem que antes ele tenha, num acto de raiva, cuspidos para o chão.

O vencedor Arman Chilmanov haveria de declarar que, estranhando o comportamento do adversário, sentiu que o seu acto se ficou a dever a um somatório de circunstâncias, incluindo a fractura do dedo no seu pé esquerdo que lhe provocou tão estranho comportamento.

Tanto o atleta prevaricador como o seu treinador foram de imediato sancionados com a expulsão da área olímpica, com base numa expressa violação das regras do Taekwondo e dos Regulamentos Olímpicos, com a retirada imediata de todos os prémios ganhos durante essa edição dos Jogos de Pequim.

A vitória ou a ... derrota! Consciente das suas capacidades, o atleta flutua nesta dicotomia que prevalece enquanto dura o esforço, até ao resultado final.



Infelizmente a competição feminina do Taekwondo desses Jogos de Pequim haveria de também não correr como deveria por se verificarem comportamentos fora da ética desportiva. Convirá recordar que a modalidade foi integrada no programa dos Jogos Olímpicos em Sydney, no ano de 2000 com presença nas anteriores de Seul de 1988 e Barcelona de 1992, como modalidade de demonstração. Angel Matos havia sido campeão olímpico em 2000 e ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro.

No seguimento dos acontecimentos de Pequim, a Federação Mundial de Taekwondo irradiou o atleta cubano e o seu treinador, facto que viria ser ratificado pelo Comité Olímpico Internacional.



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

JESSE OWENS



Um casal de negros, Henry e Emma Owens, dez filhos, emigrantes, na busca de melhores condições de vida, em fuga do Alabama, deixaram o Sul para a América a tentar erguer-se dos abanões do primeiro Conflito Mundial. Um pós-guerra a tentar ultrapassar, o mais rápido possível, as dificuldades impostas e um rapazinho e mais oito irmãos, a obrigaram o chefe de família a buscar em Claveland, no Ohio, trabalho nas novas unidades fabris que se levantavam pela América inteira, no rasgar da década de vinte.

Já instalados em Fairmount, um dos filhos, menino, o nono do casal, nascido a 12 de Setembro de 1913, em Oakville, Lawrence County, foi matriculado na escola primária e os momentos iniciais, em plena sala de aula, iriam marcá-lo, definitivamente. Alvo dos olhares curiosos da professora apostada em saber o seu nome, sulista de gema e com a pronúncia muito característica do local onde sempre vivera, o menino negro, respondeu-lhe JC como

sendo as iniciais do seu verdadeiro nome, James Cleveland. Erradamente, a docente entendeu Jesse e assim ficou conhecido para sempre, até ao fim da sua vida mesmo no universo olímpico onde se distinguiu e conquistou títulos. Para trás, uma meninice onde a sua debilidade física foi marcada pela bronquite crónica e mesmo uma pneumonia que o apouquentou e o atirou para a cama de um hospital.

Escapou! Não teve uma vida fácil pois viera ao mundo numa das zonas americanas onde o racismo era muito evidente. O pai labutava numa plantação de algodão e o jovem viu-se na obrigação de ajudar a família, ocupando-se de trabalhos como ardina, engraxador e ascensorista, uma preocupação que cultivou quando já estudava e ganhava uns cobres numa bomba de gasolina.

A constante depressão que obrigava a família a uma vida atribulada piorou quando um acidente de carro atingiu o chefe da família. Jesse, consciente das dificuldades inscreveu-se na East Technical High School a fim de obter credenciais para ajudar a lutar contra as dificuldades financeiras.

As suas primeiras conquistas foram obtidas nos campeonatos escolares em 1928 e razão tinha o seu treinador, um antigo atleta olímpico que o testou e não se coibiu em apodá-lo de "filho do vento" devido às potencialidades reveladas na velocidade, no salto em comprimento e no salto em altura, com uma

estrondosa série de vitórias que se prolongaram por três anos. Uma das suas maiores capacidades era, então, a velocidade que imprimia e que haveria de o marcar no futuro.

As suas potencialidades levaram-no até aos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, onde haveria de infernizar o amor-próprio de Hitler, conquistar quatro medalhas de ouro e deitar por terra as pretensões alemãs.

Lutou, generosamente, para contrariar o clima racista que encontrou nos alemães que tinham os negros como auxiliares! Vingou-se da afronta e do insulto ao vencer tudo quanto pode e ridicularizar mesmo o orgulho nazi. Numa das provas, a do salto em comprimento, Adolph Hitler abandonou o Estádio Olímpico quando não conseguiu suportar a humilhação da derrota

dos seus atletas. Jesse Owens regressou à América e foi recebido como um herói.

Devido às suas prestações desportivas, recebeu um convite e uma bolsa de estudo para prosseguir estudos superiores. No momento próprio, ingressou na Ohio State University com o curso de relações públicas em vista. Já na situação de casado, usufruiu dessa benesse que lhe dava para sobreviver e enviar metade, todos os meses, à família. Após atingir um nível fantástico no atletismo mundial, acabou por enveredar pelo profissionalismo e, fazer dele, modo de subsistência único, varrendo para o lado o estatuto de amador. Atingiu um nível que não o livrou de correr, não contra outros homens como ele mas ao desafio que lhe foi lançado a cavalos e galgos e tentar ganhar-lhes como se de

uma corrida nas pistas do estádio se tratasse! Ganhou muito dinheiro com o desporto, riqueza que iria desbaratar em negócios infrutíferos - correu riscos de evasão fiscal e não se livrou da falência de um clube nocturno que montara, assim como de um ginásio. Ainda conseguiu retomar o sucesso empresarial, voltar a enriquecer nos negócios e ... olhar pelos mais desprotegidos - juntamente com Ralph Metcalfe, um outro atleta que tinha sido seu rival.

Ambos criaram uma instituição com o intuito de ajudar crianças negras pobres. Não foi feliz nessa fase da sua vida e o tabaco acabaria com ele - faleceu em Tucson, no Arizona, em 1980, minado por um cancro que se lhe alojou nos pulmões. Disputaria a última corrida vida e ... perderia!



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

EMIL ZATÓPEK ATLETA E HERÓI DA PÁTRIA



Durante muitos anos, o paradigma atlético de uma geração que o idolatrou, uma juventude que nele se revia - Emil Zátopek, o atleta em questão, foi tido e admirado pelo mundo inteiro. “Desengonçado”, assim apodado, devido ao seu jeito de correr, um dos atletas que se afirmou, tanto pelas suas conquistas atléticas ou potencialidades, como pela simpatia que granjeou e irradiou. Quando lhe apontavam esse “jeito de correr”, salpicando o ambiente com uma certa

jocosidade, dizia, também, com alguma ironia, que “não tinha talento para correr e sorrir ao mesmo tempo”. Na verdade, corria sempre com os braços dobrados e a cabeça desinquieta, motivo para alguém o retratar como “uma jarra em movimento”. Elogios! Na verdade, desengonçado ou não, um vencedor, a transbordar o símbolo da vitória para todo o lado. O checo foi um campeão, um desportista que marcou a sua época, símbolo de um valor e até de uma

personalidade só mais tarde revelada desde que a Checoslováquia, sua pátria, livre da opressão russa, se desmembrou do espaço soviético e respirou liberdade, tantos e tantos anos sonogada.

Zátopek entrou para o mundo da competição por um acaso.

O pai, carpinteiro de profissão, tinha enormes dificuldades em criar a sua numerosa prole e Emil, consciente desse problema, buscou trabalho numa fábrica de calçado, em Zlín, a fim de aliviar as dificuldades caseiras e paternas. Ao contrário do que poderia dar a entender, nunca pensou em correr e a responsabilidade da sua integração no atletismo ficou a dever-se ao seu chefe da secção, uma criatura que manifestava um imenso gosto pelo atletismo e que empurrou Emil Zátopek para a modalidade - justificava essa pressão com a necessidade de a unidade fabril se afirmar, publicamente, fazendo-se representar numa prova - era detentora da marca de calçado “Bata”.

Doravante, o operário Zátopek, no fim do seu turno, entregava-se à tarefa de treinar, treinar, sempre a treinar, num ritmo contínuo, até a sua mobilização para o exército checo, onde se manteve e lhe permitiu a progressão na sua carreira desportiva, êxito atrás de êxito, campeão checo, mundial e ... olímpico.

Uma curiosidade, um facto importantíssimo da sua vida: contraiu matrimónio com Dana, campeã olímpica do dardo nos Jogos de Helsínquia, em 1952, ambos nascidos no dia

19 de Setembro de 1922!

Na sua carreira militar atingiu o posto de capitão, assim até ao dia em que foi expulso das Forças Armadas do Povo, em Agosto de 1968, a poucos dias de correr para os Jogos Olímpicos do México desse ano - aconteceu na altura em que a Rússia Soviética invadiu a Checoslováquia e Zátopek teve o atrevimento de condenar o ato e alvitrou o afastamento da URSS desses Jogos Olímpicos do México. Resultado

óbvio, a natural e imediata reacção do Ministério da Defesa que decretou a sua expulsão das Forças Armadas e uma sequente condenação a trabalhos forçados numa mina de urânio, uma sentença que haveria de caducar em fins de 1989, quando o comunismo soçobrou e o império soviético se desmembrou. Foi justificado e de imediato reintegrado no exército com a patente de major. Conta-se um episódio muito curioso a seu respeito, acontecido na altura em que disputou a maratona dos Jogos de Helsínquia de 1952. Momentos antes da partida meteu conversa com o britânico Jim Peters, considerado o favorito para vencer a prova derradeira dos jogos. No seu jeito, com a humildade que sempre lhe foi reconhecida, Zátopek iniciou a corrida sem que antes não tenha pedido conselhos ao Peters. Dado o tiro de partida, colocou-se de imediato atrás do britânico. A meio da prova, perguntou-lhe se o pior já estava passado. O Peters que já demonstrava sinais de alguma fadiga, perturbadora,



aconselhou-o a correr mais “devagar” porque Zátopek dava sinais de frescura. De vez em quando o britânico voltava a “implorar” ao checo para correr mais devagar e tantas vezes lhe pediu que acabou por desistir, exausto. Zátopek ganharia a sua primeira Maratona e bateria o tempo recorde das olimpíadas. Uma hérnia contraída a seguir fizeram-no sossegar um pouco e esperar algum tempo até reiniciar a senda das vitórias. O seu falecimento deu origem a uma das maiores manifestações e homenagens. Centenas de milhares de checos dispensaram-lhe os últimos aplausos na partida para a sua última prova, aquela em que todos entram, quer queiram quer não - os desígnios da condição humana que não se compadecem com honrarias. Para além das suas conquistas nos campeonatos europeus e mundiais, Zátopek foi ouro nos Jogos Olímpicos de Londres, de 1948, nos 5 000m e 10 000m - nos de Helsínquia, em 1952 arrecadou três medalhas de ouro, nos 5000m, 10 000m e Maratona.

OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

AMOR OCULTO



Victoria Pendleton integrava a equipa britânica de ciclismo e, em segredo, protagonizou, em 2008, uma relação amorosa com o seu treinador, Scott Gardner, um segredo que foi violado e que haveria de despoletar um clima de instabilidade emocional no seio da equipa feminina.

Esta preocupação cifrava-se na possível existência de um comportamento menos próprio embora, ambos garantissem que nada se alteraria. A mais prudente das intenções residiu na declaração de que iriam contrair matrimónio em 2012 logo após os Jogos Olímpicos de Londres.

Houve quem afirmasse que o relacionamento entre ambos poderia beliscar o espírito de equipa apesar de existir uma séria preocupação sobre as regras que devem presidir no

relacionamento entre atletas e técnico, mais concretamente na área profissional. Todavia, ambos tentaram manter a ligação o mais sigilosa possível, mas infelizmente, não o conseguiram. Mas haveriam de contrair matrimónio em Setembro de 2013, uma ligação que haveria de terminar em 2018.

Pendleton havia conquistado a medalha de ouro em 2008 nos Jogos Olímpicos de Pequim, a partida para o início da sua ligação ao título arrecadado que juntou ao de campeã mundial ciclismo de pista que já possuía. Tinha o ciclismo nas veias pois, nascida em Stotfold, Bedfordshire, era filha de um campeão inglês de ciclismo de pista coberta (era natural de Stotfold, em Bedfordshire, 24 de Setembro de 1980) - contagiada pelo ambiente paterno, muito nova se iniciou na

prática da modalidade. Assim, com apenas nove anos de idade, teve a sua primeira experiência competitiva, em Fordham. Deu continuidade ao seu gosto pela modalidade e aos treze anos de idade foi pescada pelo técnico nacional inglês Marshal Thomas.

Prudente não se deixou manietar e cuidou da sua formação escolar e cultural chegando à universidade onde concluiu a formação em Ciências do Desporto.

Verdadeiramente entregou-se à competição em 2001, ainda estudante, numa escalada de sucesso e êxitos. Participou, além das provas habituais, nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Foi considerada, por duas vezes, atleta feminina do ano. Devido ao seu sucesso nos Jogos Olímpicos de Pequim foi agraciada com a Ordem do Império Britânico (MBE) e Comandante da Ordem do Império Britânico). É também membro do Hall da Fama da União Europeia de Ciclismo.

Tinha um irmão gêmeo, também amante do ciclismo (foi campeão britânico de Pista (8 Kms).

Pendleton também marcou presença notória nos Jogos da Commonwealth de 2006, prata no contra-relógio) e ouro no sprint.

Foi eleita desportista do ano em 2007, distinção atribuída pela Associação de Jornalistas Desportistas.

Após haver terminado a sua carreira desportiva no âmbito do ciclismo, ainda pensou enveredar pelo hipismo, pelas corridas de cavalos. Para tal buscou abrigo na Foxhunter Chase e participar no Festival de Cheltenham, em Agosto de 2015. Quedou-se por um segundo lugar pilotando o Royal Etiquete. No ano seguinte foi vencedora em Wincanton. Numa próxima corrida ficou em quinto lugar

Uma particularidade muito importante esteve no facto de para além das suas conquistas desportivas haveria de, graças ao seu físico ser considerada como um símbolo sexual na Grã-Bretanha facto que a levaria a uma exposição em revistas da especialidade. Foi na capa da edição de Julho de 2009 da revista masculina FHM - depois

em Janeiro de 2012 da revista Harper's Bazaar.

Era senhora de uma cultura excelente e ficou patente uma afirmação sua numa Conferência do Partido Conservador Inglês, em 2014 onde, na área do domínio e importância do desporto na educação afirmou: "Se você quiser que mais crianças saiam da escola saudáveis e preparadas para a vida na Grã-Bretanha moderna, com tudo o que será a sua vida, devem dar-lhes oportunidades desportivas na escola e na vida em geral"



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

Uma gravidez não impeditiva

Foi uma das muitas atletas que, após o ressurgimento dos Jogos Olímpicos, conseguiu contrariar o *projecto* do visionário Pierre de Coubertin relativamente à completa exclusão feminina, um procedimento decalcado da Antiguidade. Progressivamente, na luta que travou pela conquista e defesa dos seus direitos, a mulher foi conquistando a sua legítima integração em modalidades cujas provas se rodeavam de consideradas dificuldades físicas. Foi um início de um cauteloso esforço mínimo mas, progressivo até chegar aos Jogos

Olímpicos de Amesterdão em 1928, onde o atletismo lhe escancarou as portas da liberdade. De dificuldade em dificuldade, a mulher foi experimentando provas cada vez mais custosas, um autêntico desafio às suas capacidades humanas, até que, em 1982, na da Maratona, ela conseguiu atingir o patamar máximo, há muito, desejado. A Maratona de Huston é ainda hoje uma das mais consagradas provas mundiais que recebe, todos os anos, um elevado número de atletas, homens e mulheres. Esta afirmação, a propósito de um

episódio protagonizado por uma atleta norueguesa, de seu nome Ingrid Kristiansen, sobejamente conhecida. Nasceu em 1956 em Trondheim e enveredou pelo atletismo por acidente já que a sua atenção, desde os tempos da escola, embora gostasse das corridas, estava mais virada para o futebol e para o ski. Quinze anos atingidos, foi arrebanhada por alguém e convencida a participar numa corrida. Confessa que o excelente resultado obtido se ficou a dever mais à preparação física que dispensava na prática do ski do que verdadeiramente ao seu gosto pelas corridas. A não menos famosa Grete Waitz, uma nadinha mais velha do que a Ingrid, companheira no alojamento oficial num Europeu, graças ao cuidado que ela dedicava à manutenção da sua agilidade para o ski, ficou convencida que o atletismo era coisa secundária para a norueguesa! Assim até uma sua participação num Campeonato Mundial de Ski em que o resultado obtido não a satisfaz e resolveu, decididamente, abraçar, de vez, o atletismo. Completou a sua formação académica, arranhou um emprego e afirmou dar um novo rumo à sua vida. Optou pelas provas de fundo, caso da maratona - esta a motivação do assunto que levou à evocação de Ingrid Kristiansen e à tal maratona de Huston, especialidade cada vez mais desafiada pelas atletas femininas. Participou e integrou um já grande número de senhoras que resistiram à dureza dos quarenta quilómetros e alguns metros e a Ingrid ... venceu. Simplesmente,

algum tempo após os momentos protocolares, das felicitações, do mediatismo, quando tanto desejava o merecido descanso, começou a sentir-se incomodada, com má disposição, tonturas e depois uma última fase de vômitos. Foi assistida, consolada e deu sinais de algumas melhoras.

Assim até ao momento em que o seu treinador, experimentado e atento ao fenómeno, lhe sugeriu a realização de testes médicos e com uma especial incidência para os de gravidez. Apesar de "a atleta" se mostrar admirada pela chamada de atenção, "a mulher" reagiu de forma mais convincente porque o mal-estar não havia sumido por completo. Já em casa, decidiu-se pela visita a uma farmácia onde adquiriu um teste! Na intimidade do lar esperou ansiosamente até o resultado lhe dizer que estava ... grávida e que havia corrido a maratona nesse estado! Até chegar o momento da criança soltar o grito de liberdade, Ingrid continuou com o exercício físico, diariamente, natação e bicicleta. A criança nasceu e ainda com cinco meses de idade, muito tenrinha, não se apercebeu que a mãe fugira novamente para Huston, para uma nova maratona e uma nova vitória! Continuava casada com um marido retido profissionalmente numa plataforma de prospecção de petróleo no Mar do Norte. Foi escalada para os Jogos Olímpicos de Los Angeles e voltou desiludida e triste por não conseguir o triunfo que tanto desejava apesar da sua valência mundial. Quando se retirou das provas detinha os recordes



mundiais dos 5 000, 10 000 e da maratona. Até um dia em que outras mulheres, na escalada ascensional da prestação feminina, lhos roubaram e ... ainda bem (penso eu!) Ingrid Kristiansen nasceu em Trondheim na Noruega em 1956 e afirmou-se como uma das melhores corredoras de fundo do atletismo mundial na década de 1980. Casada, haveria de após o nascimento do primeiro filho, abrandar o ritmo das suas participações e triunfos. 1986 foi para Ingrid Kristiansen o seu melhor ano de êxitos desportivos, período em que alcançou vitórias atrás de vitórias e estabeleceu os recordes mais importantes da sua vida. Abrandaria no ano seguinte em que foi afectada por uma arrelhiadora lesão, um entrave ao ritmo que vinha impondo no Atletismo Mundial. Curou-se e retomou a senda das vitórias nas maratonas mais carismáticas do mundo - a sua última vitória foi na Maratona de Nova York em 1989. Circunstâncias da sua natural vida e a idade obrigaram-na a um abrandamento competitivo, até se entregar ao descanso absoluto em 1993. Com dois filhos, dá azo à sua vontade de correr deliciando-se em correrias pela sua comunidade. Vive em Oslo.



OLIMPISMO

por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

Uma medalha para o chão Um desportista sem mérito

do atleta vencedor, Ara desceu o pódio e num gesto inqualificável lançou para o chão a medalha que lhe havia sido atribuída. Sentiu-se prejudicado pelo árbitro suíço Jean-Marc Petoud e teve de disputar a final para o terceiro e quarto lugar.

Apesar de vaiado pelo público o gesto não passou à margem dos responsáveis. Ainda teve um comportamento execrável nas

provas classificativas para os Jogos de Londres e acabou por ser castigado e expulso da aldeia olímpica e no futuro impedido de participar em qualquer edição Olímpica porque a sua execrável conduta havia ido contra o espírito olímpico.

O castigo imposto em Pequim acabou por ser levantado pela Federação Internacional de Luta Amadora.

Ara começou na luta livre com apenas oito anos na Arménia mas acabou por se radicar na Suécia e naturalizar sueco dando início a um período de conquistas a nível nacional e internacional.

Deu início à sua participação olímpica nos Jogos de Atenas em 2004.



Bizarrices impensáveis num universo desportivo que assenta em princípios imutáveis e não se compadece com atletas cujo comportamento beija a sarjeta, indigno na família olímpica.

A participação de um atleta numa qualquer edição olímpica para além de ser uma honra deve ser pautada por comportamentos dignos dessa condição e presença.

Este preâmbulo mais sentido faz quando um atleta participa numa qualquer prova e até conseguindo vencer não merece a cerimónia e a

honra que lhe é dispensada.

A fim de justificar esta ideia, um abanão na história desportiva olímpica para evocar Ara Abrahamian que nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, na luta, obteve a medalha de bronze, uma classificação que não se encaixava na sua opinião. Era um lutador em representação da Suécia mas com origens Arménias que protagonizou um gesto vergonhoso relativamente à sua condição de atleta olímpico.

Após a cerimónia da entrega de prémios e da audição do hino do país

OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

Descalço para a glória



Um atleta se destacou, negro, oriundo da Etiópia, equipado como os demais mas com a particularidade de correr descalço, uma natural e “selvagem” manifestação da sua essência humana! Dada a partida, rumo ao incerto, era tempo da passada habitual, um virar as costas à futura dor e cansaço, apenas o seu ruído característico, batendo, indiferente, na calçada - quarenta mil, cento e vinte e cinco metros, a distância oficial a percorrer naquela prova rainha, um esforço tremendo, a desilusão para muitos, a compensação e a glória para o vencedor, um herói.

Decorria o ano de 1960 e mais uma edição dos Jogos Olímpicos, na cidade de Roma. Na Itália do passado, permanecia, esquecido, o mês Abril de 1906, em que a Natureza, insatisfeita, na sua força bruta terrena, deu início a uma intermitente actividade explosiva, acrescida de emissão de lava e gases, uma coluna que subiu a

perto dos treze mil metros do céu - a herança de uma ampla cratera na base. Além da actividade vulcânica, a Itália teve de se precaver e enfrentar uma onda sísmica, desastres naturais que causaram um rombo enorme na economia do país e que iria levar o governo italiano a declinar a honra de realizar os Jogos, obrigando o Comité Olímpico Internacional a deslocá-los para outra cidade, no caso, a de Londres, marcados para o ano de 1908.

Foram necessários cinquenta e dois anos para que a cidade de Roma se redimisse daquela sua infelicidade, a tempo de chamar a si a responsabilidade dos Jogos Olímpicos de 1960, uma edição marcada pelo revivalismo cultural italiano que, estrategicamente, localizou as provas em locais intimamente conotados com o acervo monumental e turístico da sua História.

Relativamente à

personalidade em causa, interessa recordar que a prova da Maratona de Roma foi disputada à noite e tinha o Arco de Constantino como ponto de honra onde o mundo, curioso e expectante, iria quedar-se, de boca aberta, a testemunhar a vitória, a primeira vez na história do Olimpismo, de um negro africano. As repercussões do seu triunfo assentaram muito na já referida particularidade do atleta correr descalço, um gesto que, testemunhado pelos registos fotográficos e pelas imagens televisivas, voou até aos quatro cantos do mundo.

Foi o início de uma era, ainda hoje em curso, marcada pela nascente e futura supremacia africana nas provas de fundo e longa distância do atletismo mundial, uma hegemonia que tem dado a conhecer muitos campeões.

Muita gente conserva, na memória, essa criatura, número onze na camisola, calcorreando as artérias de Roma, em busca do tão almejado triunfo, por sinal, um atleta que havia sido integrado na delegação etíope por mero acaso. O etíope Abebe Bikila chegou mesmo ao fim do percurso e cortou a meta, vencedor, completamente descalço! Depois, o reconhecimento do público que o ovacionou e as honrarias da praxe quando regressou a casa.

O Imperador Selassié ofertou-lhe, em nome do poder, um automóvel e a promoção na carreira militar. Mesmo com o estatuto de campeão e do prestígio que havia granjeado, três anos decorridos, iria cair na prisão e aí permanecer,

acusado de integrar um grupo conspirador no derrube e no assassinio do seu Imperador!

Durante o tempo em que esteve detido, matou o tempo, calcorreando o espaço da cela a fim de minimizar a falta de treino. Considerado inocente, livrou-se do jugo e atirou-se à tarefa de retomar a forma que lhe permitisse ter esperanças em poder integrar a equipa etíope para os Jogos Olímpicos de Tóquio (1964). Quatro anos decorridos após a sua medalha de ouro de Roma, voltou a vencer a prova da maratona, a desses Jogos Olímpicos de Tóquio de 1964.

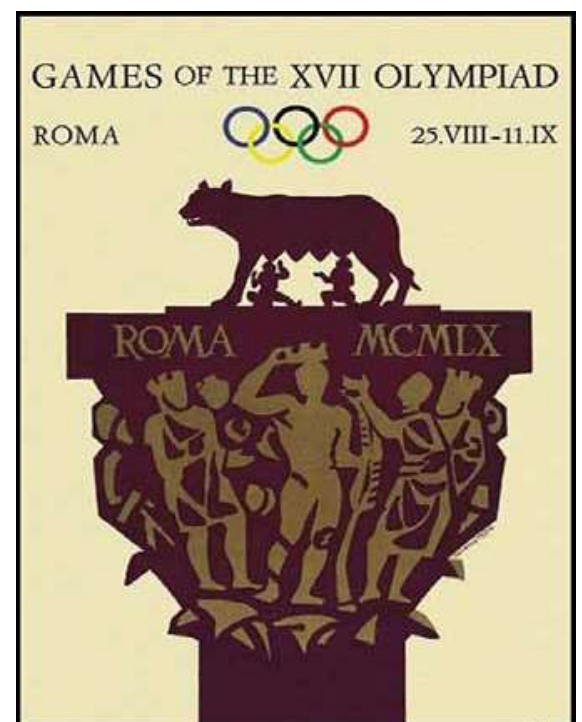
Porém, o sonho de, nos próximos Jogos do México (1968) poder fazer o “tri”, saiu furado, devido a uma lesão de esforço, ao fim de dezasseis quilómetros percorridos. Foi um tremendo desgosto,

custosamente digerido e alimentado pelas lágrimas que soltou, uma chama lentamente apagada em Adis Abeba onde residia e continuava a sua actividade profissional, a de militar, oficial da guarda imperial.

Completamente desmotivado, abandonou a prática desportiva e refugiou-se num buraco sem fundo.

Desgraçadamente, um desastre de automóvel atirou-o para um hospital de onde saiu paraplégico, recolhido numa cadeira de rodas. Uma hemorragia cerebral, em 1973, ditou o fim de Abebe BIKILA que teve uma vida curta e agitada.

Fica para a história do desporto mundial como o primeiro atleta africano a vencer uma competição, a de Campeão Olímpico, nos Jogos de Roma, em 1960.



OLIMPISMO

por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

**Um improvável herói****“TAKK” - obrigado, em norueguês!**

Em qualquer idioma é um termo tão comum como profundo o seu alcance, a pressuposta expressão de um sentimento, o paradigma da sensibilidade ao dever de gratidão. Acontece na vida diária mas, no espaço desportivo, atinge uma dimensão desusada quando está em causa o comportamento de alguém.

Takk - “obrigado”, um termo norueguês que atingiu uma dimensão nacional quando um jornal canadiano de Montreal, nacional e publicamente deu a conhecer um gesto que haveria de beneficiar uma equipa do Canadá.

Aconteceu nos Jogos Olímpicos de Inverno de Turim, em 2006, na disputa de uma prova de ski, na especialidade cross-country, naquele momento, liderada pela atleta canadiana Sara Renner. Devido ao esforço que estava a despende, quebrou o bastão esquerdo, uma circunstância que afetou, de imediato, o seu rendimento para um mínimo com óbvios e imediatos reflexos nos demais atletas de outros países que lhe passavam à frente.

Na verdade, ela foi, sucessivamente, ultrapassada por outras esquiadoras.

Quando Sara estava a ficar, completamente,

dominada pelo desânimo, a atleta do Canadá foi surpreendida por alguém, um homem que, a seu lado, deslizava e lhe chamava a atenção para algo que trazia, um bastão suplente destinado a substituir o que havia partido.

Surpreendida mas consciente do gesto alheio, aceitou a oferta e redobrou de entusiasmo, fazendo com que o tempo perdido fosse, gradualmente, recuperado. De tal maneira que a sua força de vontade haveria de a levar superar a diferença já verificada - a atleta conseguiu deslizar com redobrada von-

tade que levaria a equipa do Canadá a cortar a meta, não em primeiro lugar mas suficiente para chegar à medalha de prata, honrosa e merecida.

Só quando chegou ao fim da jornada é que Sara Renner tomou consciência do que realmente havia acontecido e que o tal benfeitor que lhe havia fornecido um bastão suplente foi nada mais nada menos que Bjoernar Haakensmoen, treinador da equipa norueguesa, uma formação que ficou relegada para o quarto lugar.

Foi esta circunstância que levaria Haakens-

moen a ser reconhecido no Canadá como um verdadeiro desportista, um herói. Quando, disso soube, o treinador norueguês não se coibiu de confessar uma certa surpresa, exprimindo:

“O espírito olímpico é o caminho que sempre tentamos seguir”, disse ele a um jornal: “Se a gente vence mas não ajuda quem precisa quando devia, de que serve a vitória?” - um campeão do espírito olímpico.

Os canadenses haveriam de expressar a sua gratidão enviando-lhe para sua casa, no Canadá, um presente.



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

MICKY KING

CAMPEÃ E PIONEIRA DOS SALTOS PARA A ÁGUA



A história de vida de uma mulher que nunca virou costas às dificuldades, uma atleta de salto para a água, pioneira da especialidade - Maxine Joyce King, conhecida por Micki King, americana, nascida em 1944, em Pontiac, Michigan, Estados Unidos. Seu pai era funcionário da General Motors produtora do modelo automobilístico "Pontiac".

A sua opção pelos desportos náuticos ficou a dever-se à circunstância de, muito nova, ter crescido próxima do fenómeno aquático - com apenas dez anos deu início à sua formação numa instituição de Pontiac. Alimentou essa apetência após ingressar na Universidade de Michigan e depois no Ann Arbor Swim Club, de 1961 a 1965. Foi um período um pouco difícil da sua vida atlética pois que, em 1961, quando lá chegou, não havia nenhum programa para a mulher na disciplina de mergulho.

Teve a felicidade de as suas capacidades e desejos serem apreciados por Dick Kimball o técnico da área masculina que, sensibilizado, de imediato se mostrou disponível para a ajudar. Assim, a primeira mulher a dominar o mergulho nas suas variantes. Maxine Joyce teve ainda de

vencer a filosofia dominante e ultrapassar a ainda segregação feminina no desporto, barreiras, um problema que ia sendo ultrapassado, com êxito. A maior e melhor das imagens que guardou do treinador Kimball foi a sua determinação enquanto formador lembrando o que muitas vezes exclamou: "não treinar homens ou mulheres, antes ... pessoas".

Maxine lembra mais ainda que, nessa época, o uso das instalações desportivas estava condicionado e determinava as regras e os espaços por onde poderiam circular livremente os homens e as mulheres, desde a piscina até aos balneários respectivos.

Deu continuidade à sua inclinação para a classe de saltos para a água, femininos, de 1965 a 1972, sendo pioneira na sua introdução no Ann Arbor Swim Club, secção feminina que não existia. Foi campeã do seu país dez anos consecutivos e apreciada não só pelas suas capacidades na disciplina de mergulho como da imagem que patenteava.

Após concluir a sua formação académica na Universidade de Michigan deu entrada na Academia da Força Aérea americana no Colorado - para além do cumprimento militar teve a seu cuidado a formação técnica de natação, especialmente no mergulho, na área militar.

Dominou a modalidade de 1965 a 1972, ao conquistar dez campeonatos nacionais, todavia, neste período dourado da sua existência foi vítima de uma das maiores contrariedades. Aconteceu nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, na prova de trampolim/três metros, onde, após o oitavo mergulho em que se

encontrava na primeira posição, medalha de ouro à vista. Ao efetuar o nono salto, um "layout", reverso, de volta e meia, foi de encontro à prancha e sofreu uma fratura grave no braço esquerdo, facto que a não fez desistir.

A primeira evidência foi a de não conseguir levantar o braço acima do ombro. Assim mesmo, com o maior espírito de sacrifício, realizou o décimo salto que, por razões óbvias, não correu como ela desejava - "mergulhou" para o quarto lugar e viu-se espoliada de um lugar no pódio. Foi um período muito amargo para a atleta americana ter de digerir o fracasso devido ao acidente e recuperar o ânimo e as forças. Mais ... esperar a próxima edição, um tempo infinito para fazer ressurgir a sua classe.

Jogos Olímpicos do México para esquecer! Continuou a prática da modalidade que tanto amava e foi novamente seleccionada para os Jogos Olímpicos, desta feita para os de 1972, em Munique, na Alemanha, onde conseguiu a tão almejada medalha de ouro na referida prova de trampolim, três metros - um salto que impressionou o Júri e o levou a atribuir uma suprema classificação. Na classe de plataforma chegou também à final, mas não obteve mais do que o quinto lugar.

King foi oficial de carreira na Força Aérea dos Estados Unidos (de 1966 a 1992), vinte e seis anos de serviço, um percurso muito distinto - chegou à aposentação no posto de Coronel. No serviço militar ainda desempenhou as funções de técnica tendo alcançado por três vezes o prémio nacional da NCAA. Foi nomeada para o Hall Fame dos Estados Unidos, o Hall of Fame Sports

Internacional da Mulher, o International Swimming Hall of Fame e a Universidade de Michigan Athletic Hall of Honor. Condecorada, recebeu várias distinções nacionais e estrangeiras.

Recordar que, muito nova, deu início ao seu gosto pelo mergulho - tinha dez anos. Alargou a sua apetência ao polo aquático a um nível muito bom. Sempre lhe elogiaram a sua beleza física: "corpo bem feito, viva, loira de olhos azuis". Chegou a ser nomeada para uma Comissão Independente para a apreciação e julgamento de casos relacionados com o doping. Chefiou por mais de uma vez a delegação feminina americana aos Jogos Olímpicos. Foi comentadora na televisão.

Durante o tempo que militou foi membro de uma Comissão que desenvolveu um trabalho

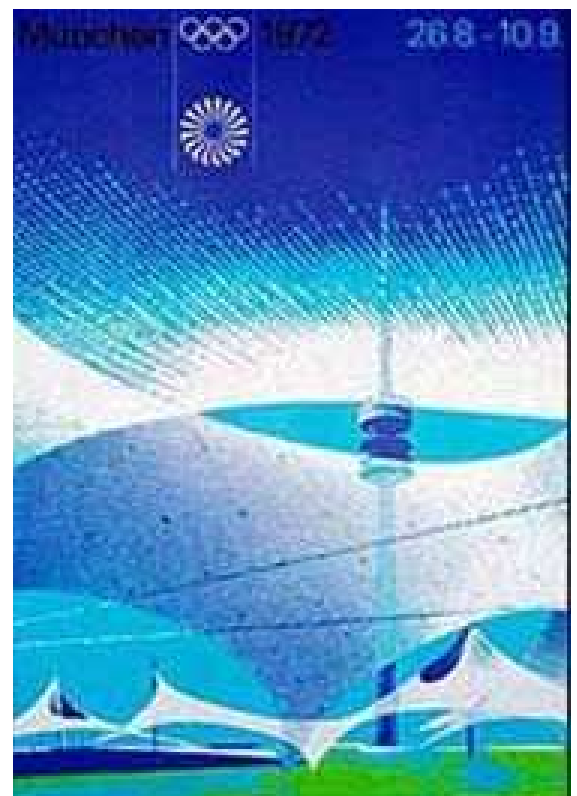
imenso na defesa da mulher na carreira militar.

Em 1992 foi directora atlética, assistente e administradora do sector feminino da Universidade de Kentucky durante catorze anos.

Um dos seus mais importantes contributos reside na sua qualidade de co-fundadora, em 1974, da Women's Sports Foundation, uma instituição nitidamente defensora do papel da mulher no desporto, juntamente com Billie Jean King, Donna de Verona e Wyomia Tyus.

Na mesma senda, em 2005, foi eleita vice-presidente da Associação de Atletas Olímpicos dos EUA.

Uma mulher extraordinária, uma atleta olímpica notável



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

A FUGA A CASAMENTO INDESEJADO A LUTA PELA GLÓRIA ... DESEJADA!



Tirunesh Dibaba pertencia a uma família etíope muito dedicada ao atletismo - era sobrinha de Derartu Tulu, campeã olímpica dos dez mil metros, em Barcelona, 1992, prima do fundista Kenenisa Bekele e irmã de Ejegayehou, também atleta, todos etíopes - uma ligação profunda ao desporto daquele país.

Chegou a uma altura da sua vida em que deu conta de uma incisiva realidade - se quisesse dar continuidade ao seu gosto pelas corridas e alimentar uma vocação que vinha alimentando desde muito criança era obrigada a uma decisão muito importante, buscar noutro lugar o que ali não tinha nem conseguia.

A sua entrada na modalidade aconteceu, então, quando decidiu partir da terra em que vivia em busca de um futuro mais promissor. Rumou para Adis Abeba atraída por algo diferente daquilo que seus pais haviam projectado - estava prometida a um homem por quem não nutria sentimento algum, que justificasse um casamento - um hábito tribal que durante séculos levou muitas jovens para uma ligação indesejada.

Costumava dizer que a ligação com a tia Derartu Tulu foi acalentada através dos relatos que ouvia das provas, via rádio e que Tirunesh costumava escutar usando um aparelho de

pilhas porque onde viviam não havia electricidade.

E fê-lo de uma maneira inteligente, esperta mesmo.

Concluída a escolaridade, decidiu ir ao encontro dos familiares.

Conseguiu matricular-se na polícia onde Kenenisa e Ejegayehu eram membros e atletas.

Todavia, azar seu, por circunstâncias não conhecidas, Dibaba chegou a Adis Abeba com uma semana de atraso, já as inscrições haviam encerrado.

Desiludida e triste pensou, de imediato, em regressar à sua terra, mas, foi demovida pela irmã e o primo que a convenceram a esperar e assim aproveitar algum tempo, talvez no próximo ano, mas dar continuidade à prática do atletismo de que tanto gostava.

Ficou a viver em Adis

Abeba durante um período que haveria de dar os seus frutos. Inscrita no Prisons Corretions Club deu início a uma preparação intensiva de seis meses na companhia da irmã e do primo. E de tal maneira trabalhou que, rapidamente, atingiu um estado de forma que a guindou à Selecção Etíope.

Estreou-se no Campeonato do Mundo de Paris em 2003 e, ainda com dezoito anos, arrecadou o título de Campeã Mundial dos 5 000 metros, um fenómeno para a época, com apenas dezoito anos, a mais jovem

Campeã de sempre. Prova atrás de prova, fama e dinheiro e uma ligação com Silshi Sihine, vice-campeão olímpico de Atenas 2004 e Pequim 2008, e vice-campeão mundial de Helsínquia e Osaka.

Deu início a uma carreira fulgurante com presença no Mundial de Atletismo

em 2001 onde conseguiu um quinto lugar nos 5 000 metros. Venceu a mesma distância no mundial de 2003 em Paris.

Tinha os Jogos Olímpicos na hipótese seguinte - foi integrada na comitiva dos de Atenas em 2004 e, apesar de considerada favorita, não passou do bronze - atendendo à sua idade, era sem dúvida, a mais jovem medalhada olímpica.

Vinga-se e nos Mundiais de Helsínquia e vence os 5 000 e os 10 000 metros. Vence novamente no Mundial de Osaka e leva na sua bagagem vitórias no corta mato. Em 2008 bate um novo recorde mundial dos 5 000.

Finalmente, é ouro nos Jogos Olímpicos de Londres, de 2012, nos 10 000 metros. Repete o êxito no bem como o mundial de 2013 em Moscovo onde obteve o ouro. Vence em 2007 os 3 000 metros de pista coberta.



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

CHEGAR AO FIM HONRAR A PÁTRIA



"Foi importante terminar para mostrar que o Afeganistão não morreu após dezasseis anos de guerra", a exclamação, o desabafo de um atleta, um maratonista que teimou e... conseguiu terminar a prova!

Abdul Wasiqi, em representação do Afeganistão, corria a Maratona naqueles Jogos Olímpicos de Verão de 1996, em Atlanta. Um sacrifício enorme, uma tarefa que havia apostado levar até ao fim - conseguir terminar!

Quando entrou no Estádio, completamente exausto, foi confrontado já com a equipa de funcio-

nários entregue aos preparativos da Cerimónia Final, completamente alheios à circunstância de faltar ou não algum atingir a meta final. Porém, quando se aperceberam que ainda faltava um atleta cumprir a distância prevista, interromperam, de imediato, os trabalhos, aguardando o terminar daquele visível tremendo esforço.

O tempo gasto não estava em sintonia com as espetativas previsões e embora as suas capacidades não o recomendassem para nenhum lugar especial, simplesmente, duas semanas antes da maratona, sofreu um acidente que lhe afetou uma das pernas mais concreta-

mente os músculos isquiotibiais. Segundo a opinião médica tratava-se de uma lesão impeditiva e foi aconselhado a não participar a fim de não forçar o estado de saúde física. Para aquele homem, desistir daquele projeto era negar um desejo, uma ambição que punha em causa a sua pessoa e o país que apostou na sua representação. Teimou e, decidido, lá se juntou ao grupo de concorrentes, partindo mesmo para, ao fim de algum tempo, começar a sentir os efeitos da referida lesão - nunca mais aguentou o ritmo inicial, situando-se cada vez mais atrasado. Foi, um esforço patriótico que o levou a completar a prova, com a lesão agravada e o cronómetro a atingir chegar a um tempo record, negativo: 04:24:17 - um disparate quando ele já havia feito 2 horas e 33 minutos - gastou, simplesmente, mais uma hora que o penúltimo!

Curiosamente Wasiqi era o único concorrente do Afeganistão nesses Jogos de 1996.

Este franzino estudante afegão foi também afetado pela temperatura insuportável e pela excessiva humidade, uma dificuldade acrescida para o sistema respiratório.



Numa breve crítica e balanço da sua participação, confessou que apesar de haver contraído aquela lesão, a vontade de participar e honrar o nome da sua pátria contou mais, ele que seguiu até ao fim e ainda teve oportunidade de ver onze desistências.

Quem o viu chegar ao Estádio Olímpico, recorda-o a cambalear, aos tropeções em si mesmo, noite feita.

Naquele triste dia, para Abdul, a linha de chegada havia sido coberta já com uma passadeira, uma das exigências das cerimónias finais. Quando se espalhou a notícia de que ainda faltava um atleta, a organização chegou mesmo a aventar a hipótese de o reencaminhar para uma pista de treino ao lado do Estádio Olímpico, sugestão combatida por ser considerada indigna. Mais lestos que os responsáveis, os funcionários trataram de desfazer o que haviam já preparado e garantiram ao jovem estudante afegão a possibilidade de cortar a mesma meta no mesmo local que os demais. Foram duas voltas à pista que teve de efetuar, o fim daquele extremo sacrifício, um comportamento testemunhado pelos jornalistas presentes que



miravam aquele jovem, magro e desfeito.

Terminada a prova, foi ainda assistido durante perto de hora e meia, sujeito a uma cuidada e atenta vigilância médica. E seria nesse período que teve oportunidade de proclamar o seu patriotismo com mais veemência:

"foi importante terminar para mostrar que o Afeganistão não morreu após dezasseis anos de guerra". Soube-se depois que havia perdido os seus avós e dois tios naquela guerra estúpida e que o seu desejo era ver o mundo sem ódios nem diferenças raciais e de religião - um mundo de paz.

Para finalizar, foi estudar na Alemanha, mas com o desejo de ir viver para os Estados Unidos.

OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

O SONHO OLÍMPICO

Acordar e vencer de novo!

Não teve uma vida fácil!

Desde tenra idade, na infância e juventude, a criança venceu imensas dificuldades. Nasceu em Kaptaragon, distrito de Nandi, no dia 12 de Fevereiro de 1952 e ficou órfão aos sete anos devido à morte do seu progenitor, vítima de um acidente com uma máquina agrícola - sem outro cuidado no agregado familiar, foi recolhido pela avó.

Na adolescência irá descarregar as suas energias no futebol e no voleibol mas o gosto pelo atletismo brotou um dia em que teve a felicidade de presenciar Kipchoge Keino, um campeão olímpico e a oportunidade de o ver treinar, uma vez que se deslocou a uma localidade muito perto da sua residência, para uma reunião de jovens, em 1971.

Há quem não hesite em o colocar no topo de um patamar desportivo ainda não igualado. Na verdade, o queniano Henry Rono atingiu marcas até aí improváveis tendo em conta a sua própria vida pessoal que ficaria marcada por reconhecidas vicissitudes.

Henry Kono passeou a sua classe pelas mais importantes competições mundiais, sendo coroado e reconhecido. Porém, a vida foi-lhe madrastra. Tropeçou na escória, caiu, acordou e voltou a sonhar - nesse contexto deixou-nos uma autobiografia a que deu o nome de "Olympic Dream" - Sonho

Olímpico.

Henry Rono, em 1978, num período limitado de tempo, menos de três meses, conseguiu um significativo número de recordes mundiais - quatro!

Foi um momento muito significativo porque, a partir daí, decidiu abraçar a corrida, entrando, de imediato num programa intensivo de treino - queria ser um campeão igual a Keino. E o seu progresso foi tão rápido que acabou por dar nas vistas dos responsáveis nacionais e a evidente hipótese de integrar a embaixada queniana aos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976, mas que não passou do sonho devido ao boicote africano aos jogos.

A sua vida iria mudar no dia em que tomou conhecimento de que lhe fora atribuída uma bolsa de estudos - partiu para os Estados Unidos com a licenciatura em Psicologia no pensamento. Foram dois anos de luta, conseguindo aliar os estudos com a prática desportiva e atingir um nível de competição que lhe permitiu bater os tais recordes mundiais, 5 000 m (na Califórnia), 3 000 m obstáculos (Sattle), 10 000 m (Viena) e 3 000 m comprimento (Oslo). Haveria de marcar a sua presença e triunfar em 31 provas consecutivas - venceu nos Jogos da Commonwealth e nos Jogos de África. Daí em diante iria melhorar alguns dos seus recordes mas, infelizmente, viu-se impedido de participar nos Jogos Olímpicos de Moscovo em 1980, novamente devido ao

boicote.

Todavia, a sua vida iria dar uma enorme cambalhota.

Descontente e desgostoso com alguma opinião americana relativamente ao seu sucesso, tanto desportivo como até ao nível académico, por ser cusado de ter roubado oportunidades aos americanos relativamente às bolsas de estudo - chegou a confessar haver recebido ameaças de morte. Entrou por um caminho que haveria de o prejudicar imenso, o da bebida. Perdeu o controlo das finanças, foi espoliado dos bens por erros seus e aproveitamento alheio e até maus investimento.

Descuidado na alimentação, começou a engordar e a beber sempre cada vez mais. A competição acabou para ele.

Foi acolhido em casa de amigos, esteve internado em clínicas a fim de se curar do vício do álcool - nada adiantou. Foi apanhado a conduzir embriagado e cumpriu pena de prisão. Tentou um emprego num serviço de limpezas de habitações. Buscou auxílio no Consulado do Quênia, uma tentativa infrutífera dizendo-lhe que era uma vergonha para a nação. Buscou a sobrevivência a estacionar carros em Portland ou a transportar bagagens no Aeroporto de Albuquerque, lavar para-brisas de carros. Um dia, o milagre aconteceu.

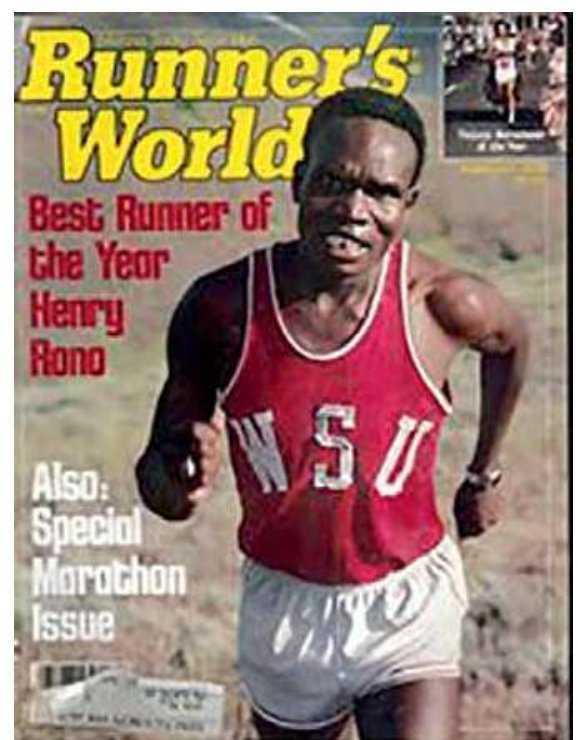
Olhou-se ao espelho, teve vergonha de si mesmo e

jurou mudar de vida - deu início a uma reabilitação fantástica. Reiniciou o sistema de treinos e virou as costas definitivamente ao álcool. Foi convidado para a função de treinador e professor de educação especial, em Albuquerque. Era muito respeitado e admirado pelos seus alunos, afirmando-se através de uma personalidade capaz de agradar a todos.

Ainda foi convidado para treinar no Iémen mas regressou muito deprimido devido a um clima de turbulência e instabilidade social. Henry Rono conseguiu, ao fim de vinte anos de vida toldada pelo alcoolismo, ser um atleta que recuperou a sua dignidade e o respeito daqueles que o amaram e voltaram a amar!

Após a queda e haver acordado para a realidade, teve oportunidade, um dia, de confessar todos os seus erros e pedagogicamente, reconhecer algumas vezes que foi dono de uma mente pequena e fraca, muitas vezes desperdiçou a sua energia e que abusou do seu estatuto de campeão, Ultrapassou a confusão e voltou a sentir orgulho de si e do campeão que foi, olhar o futuro para a missão de professor e tentar ensinar aos outros, aquilo que o ajudou na sua carreira desportiva.

Campeão mesmo depois da desgraça!



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

KOKICHI TSUBURAYA

“Estou demasiado cansado para correr mais”



Foi a partida para a última corrida da sua vida.

Com apenas vinte e sete anos de idade, o atleta dava, por finda, a sua carreira desportiva, um medalhado nos Jogos Olímpicos de Tóquio de 1964 - bronze ao peito. Olhos no futuro, em busca de melhor, obrigava a muita expectativa, a uma espera de mais quatro anos, rumo ao México, aos Jogos de 1968.

Não chegou lá! Inerte, já cadáver, assim foi encontrado em sua casa, banhado em sangue porque havia

optado pelo suicídio, farto de lutar por algo que ele não conseguia alcançar. Perto, uma mensagem justificativa do seu acto na qual dizia que tinha atingido a saturação, farto de correr em busca de um estado de forma que era impossível - já não podia mais.

Foi em 9 de Janeiro de 1968, a poucos meses dos Jogos Olímpicos do México que o atleta japonês, Kokichi Tsuburaya, havia escolhido o suicídio como derradeiro acto da sua vida. Para trás um terceiro lugar conquistado em pleno solo pátrio, nos

anteriores Jogos Olímpicos de Tóquio de 1964, uma subida ao pódio e um esforço compartilhado com o vencedor, o etíope Abebe Bikila e o britânico Basil Heatley que detinha a melhor marca do mundo daquela distância.

Quando cortou a meta era o “*desaire*” que se ficou pelo bronze - Tsuburaya, deixou-se embalar pelo desespero. Ajoelhado na relva do Estádio, baixou a cabeça até ao chão, cobriu-a com uma toalha que há momentos havia recebido para se enxugar, completamente exausto. Era, todavia, um insucesso que a assistência japonesa festejou pois que, apesar de bronze, há vinte e oito anos que o atletismo japonês não recebia nenhuma medalha. Quando se levantou não se conteve e alguém o escutou exprimindo esta mensagem:

“Envergonhei o meu país e só obterei o seu perdão se ganhar a Maratona do México em 1968” - um desafio ao futuro.

Mas, o bronze, apesar de honroso, não passara de uma desilusão, já que teve a prata ao seu alcance ao perder o segundo lugar no último esforço.

Tsuburaya militava profissionalmente nas chamadas Forças de Autodefesa, vivendo sob uma constante pressão militar. Na opinião dos seus superiores, deveria encarar os próximos Jogos como uma prioridade, ordens para se submeter a uma rigorosa preparação mesmo que tal afectasse a sua vivência pessoal, até um namoro seria

completamente afectado! Esta espécie de ordem foi recebida pelo atleta japonês com muita disciplina - obedecer, sem pestanejar - vencer a próxima maratona do México.

Porém, nem tudo iria correr bem. Obedecendo, cegamente, afastou-se da noiva e deu início a um intensivo programa de treinos, recheado de percalços, lesões e até a doença o apoquentou. Depois, um período de internamento hospitalar de três meses e indícios de que as esperanças para os Jogos de 1968 corriam perigo - um martelar constante, a consciência que definhava e não era capaz de corresponder aos incitamentos daquela pretensa fábrica de um campeão. Saiu do hospital e ainda lutou mais dois meses em busca da sustentabilidade emocional e física.

A nove meses da meta resolveu pôr termo à vida, usou a navalha não para fazer a barba, mas para cortar a carótida! Vítima de uma loucura generalizada que à sua volta gravitou parece que Tsuburaya não havia diluído a frustração e a humilhação de não haver ganho a maratona de Tóquio - o Japão inteiro com os olhos nele.

O homem vivia, permanentemente, atormentado por um sentimento de culpa e sem perdão da pátria (confessou isto a um seu amigo, o companheiro Henry Kimihara).

Quando deram por ele, jazia no quarto do hotel, sobre um manto de sangue - uma das suas mãos, fechada, guardava

a medalha de cobre olímpica - sobre uma mesita, a sua mensagem de despedida, seis palavras:

“Estou demasiado cansado para correr mais”.



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

O Desporto e a Arte



Pierre Coubertin, ao conseguir a recriação dos Jogos Olímpicos da Antiguidade Clássica, tentou sempre que os Modernos se conotassem o mais possível com a sua filosofia e o seu modelo, e mesmo que a sua implementação tenha sido uma verdade indefetível, o barão não se livrou de críticas e reparos que ao longo do tempo se foram diluindo devido ao desenvolvimento social e desportivo dos povos.

Um pormenor que precisamente se baseava nos de outrora, a edição dos Jogos da Era Moderna de Estocolmo, em 1912 ficou marcada pela introdução, no seu programa, de competições do foro artístico, com especial alvo da literatura, música, pintura, escultura e arquitetura.

Essa possível visão, considerada retrógrada e desajustada, mas por alguns denominada Olimpíada Cultural, acabou por ser afirmar durante um certo tempo, mais concretamente, desse os Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, até aos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres. Muitos os concorrentes, dos mais variados estratos e condições, dizem que cerca de dois mil artistas se inscreveram durante esses trinta e seis anos apesar de nem sempre a medalha de ouro ter sido atribuída devido à falta qualidade – muitos deles completamente amadores sem formação académica, no geral.

Curiosamente, alguns concorrentes participaram também como atletas e foram vencedores na mesma edição dos Jogos como atletas e artistas. Assim aconteceu com Walter W. Winans que nos de 1912 levou para casa a medalha de prata no tiro ao alvo e ouro na escultura.

A organização dos vários Jogos com atividades artísticas teve sempre o cuidado de recorrer a personalidades



abalizadas ligadas às várias modalidades e oriundas de vários países. Porém tal cuidado nem sempre foi suficiente para afastar alguns julgamentos de desabono e centradas no argumento de que alguns trabalhos a concurso vinham de regiões completamente alheias à formação da maioria dos juízes.

Conforme o referido, os Jogos Culturais tiveram o seu fim nos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948 devido à intervenção do

Presidente do Comité Olímpico Internacional de então, o americano Avery Brundage que em 1951 concorreu para o seu afastamento da programação olímpica, baseado no facto de que uma grande maioria das obras artísticas eram da autoria de autênticos profissionais, o que contrariava um dos princípios fundamentais do Olimpismo, a condição de amador.

Esta realidade não impediu que o Comité Olímpico Internacional tomasse a iniciativa de

promover concursos artísticos completamente alheios ao fenómeno desportivo.

Sinceramente, trata-se de um problema que não me chocaria se fosse tido como um complemento do fenómeno competitivo, uma simples mas plena demonstração de arte intimamente ligada ao Olimpismo – ou sim ou sopas!

Seja mais um assinante deste Semanário



Semanário

ESPOSENDE
BARCELOS

Preencha e envie para: nsemanario@gmail.com

Nome:

Morada:

Localidade: Contato:

NIF: E-mail:

Assinatura anual (Portugal) - 25€

IBAN: PT 0010000568138000198

OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal

BLACK POWER

A revolta dos negros



Os Jogos Olímpicos de 1968, realizados na cidade do México, decorreram num período mundial algo conturbado. A contestação social era notícia frequente, colocando em risco o equilíbrio e a estabilidade dos povos, um período que ficaria para sempre como dos mais difíceis que o planeta experimentou, lutas que envolveram raças, classes e até nações inteiras.

Um dos movimentos, o "Black Power", assim intitulado, eclodiu no seio das comunidades negras e rapidamente se arvorou numa bandeira de luta de humanos que buscavam a igualdade de direitos, resquícios de um colonialismo e escravidão que ainda polui a dignidade humana, que envergonha.

Embora de forma pacífica, mas significativa, os Jogos Olímpicos de 1968 do México acabariam por serem afectados por essa questão racial e foram marcados por um acontecimento que deixaria marcas no futuro.

Ora, em 1968, a contestação social que o mundo atravessava provocou uma série de acontecimentos que faria mudar o rumo das coisas e das políticas, azedos mesmo em alguns cantos do planeta. Alguém afirmou que o Planeta estava em rebelião.

Na China, a Revolução Cultural estava em marcha. Nos Estados Unidos, activistas protestavam, energeticamente, contra a presença e a intervenção americana no Vietnam, assim como cidadãos ne-

gros que lutavam pela igualdade de direitos de cidadania. Noutras latitudes, as massas estudantis: francesa, alemã e brasileira, de peito aberto, enfrentavam a ordem pública em busca de novas reformas universitárias e não só. Os Checos viam a Primavera de Praga desmoronar-se perante o poder soviético. E, para engrossar esta lista de citações bastaria recordar que no próprio México, o país anteriormente escolhido pelo Comité Olímpico Internacional para a realização dos XIX Jogos, viu ameaçada a sua ordem pública por estudantes descontentes, só silenciados pela força militar que deixou perto de 250 mortos na Praça das Três Culturas ou Tlatelolco.

Nesses Jogos Olímpicos do México de 1968, dois atletas negros, norte-americanos, foram suspensos e expulsos da Aldeia Olímpica acusados de comportamento incorrecto no que toca à ética e às regras do Olimpismo, expostos na cerimónia oficial da coroação ou da entrega dos prémios a que tinham direito.

O acto cerimonial estava quase no fim. Tommie Smith e Jonh Carlos, primeiro e segundo classificados, respectivamente, nos 200 metros (novo recorde olímpico) que haviam subido ao pódio, sem sapatos mas com meias negras, no momento em que soavam os acordes do The Star Spangled Banner, retiraram as mãos de trás das costas e ergueram-nas de punho cerrado, adornadas com luvas pretas, um o direito, outro o esquerdo. Era o gesto usado pelos homens de cor quando queriam afirmar e realçar a luta do Poder Negro. Essa atitude, esse choque quem esperava outro comportamento, o habi-

tual de atletas olímpicos, foi entendido como um escândalo.

Aquilo que, possivelmente, seria interpretado noutra local, como uma manifestação legítima de protesto contra a segregação social, foi tido como um gesto contrário aos ideais olímpicos, dado que ambos desonraram o local e o momento escolhido. A reacção das entidades mais directamente ligadas aos dois atletas, do Movimento Olímpico, do Comité Mexicano, do Comité Americano e do Internacional, não foram unânimes, apesar de estarem de acordo com a gravidade da atitude.

Segundo revelações posteriores, o gesto de Smith e Carlos foi tido como premeditado e consciente. Relatórios a seguir mostrados, confirmaram a tese de que no seio da comunidade negra da Aldeia Olímpica, alguns dias antes, já circulavam rumores de que algo estranho estaria para acontecer.

Na conferência de imprensa dada pelos dois atletas, estes confessaram estar, plenamente, solidários com a luta dos negros americanos. Agravaram o problema, deitando mais lenha para a fogueira, declararam que, naqueles Jogos Olímpicos, não representavam os Estados Unidos mas sim a Comunidade Negra Americana. Esta afirmação, de cabeça quente, seria mais tarde ponderada e remendada com outro argumento - o de estarem a protestar contra a não homologação de tempos considerados recordes mundiais, conseguidos por atletas negros no período de treino para os Jogos do México e realizado em Lakem Tahoe, no Nevada.

Naquele momento, difícil

para todos, uma voz, sensata e providencial, se levantou. Jesse Owens, então presidente do Comité dos Antigos Campeões Olímpicos confessou estar preocupado e chocado com a atitude dos dois atletas, não por estar contra os princípios que defendiam mas pelo momento e o local escolhido. Mais tarde haveria também ele de mudar um pouco de opinião.

Os diferentes atletas negros americanos deixaram bem claro que o poder dos brancos só descia até ao dos negros nos momentos em que precisavam destes - dos seus atletas para se fazerem representar, de campeões para conquistarem medalhas nos Jogos Olímpicos! A atitude destes dois homens foi secundada por uma outra, logo a seguir: Lee Evans, Larry James e Ronald Freeman, vencedores medalhados dos 400 metros também se manifestaram contra o poder branco. Não no pódio mas nos momentos finais, na retirada para os balneários, quando desfilavam com uma boina basca na cabeça e o punho direito levantado - fizeram-no já com a cerimónia encerrada e não foram alvo de qualquer sanção!



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal

GERDA WEISSENSTEINER

O preço de uma medalha



Por vezes, o desempenho de um atleta, por mais significativo que seja, está aliado a pormenores deveras perturbadores. Este desabafo leva-nos à italiana Gerda Weissensteiner, campeã olímpica de desporto de inverno, um percalço futuro – um problema que estava intimamente relacionado com a sua origem, o território onde veio a este mundo, a província autónoma de Bolzano também conhecida por Alto Adige ou Tirol do Sul.

Legitimamente italiana, a maioria da sua população entende-se na língua alemã e para além do italiano, uma parte fala o ladino dolomita (língua romântica falada no cantão suíço dos Grisões), uma

particularidade a referir mais adiante, a causa desta nossa intervenção.

A sua qualidade de legítima campeã olímpica nas modalidades de Luge e de Bobsleigh revela-a como a única atleta italiana a arrecadar a medalha de ouro nessas duas modalidades olímpicas de inverno.

Gerda era a última de oito irmãos de um humilde casal campestre, de poucos recursos - seria a sua condição de habitante campesina que a levaria a deslizar na neve já que habitualmente utilizava o trenó nas suas deslocações do campo à cidade e retorno, (Cornedo Allarco), um hábito que era comum à maioria dos habitantes

desta aldeia. Daí, quicá, o despertar do seu gosto pelo desporto de Inverno, demonstrações que a levaram a uma constante actividade, um fenómeno que não passou à margem dos seus mais chegados, um deles, o tio Siegfried que ficou admirado com as capacidades da sobrinha e teve o cuidado de denunciar o assunto na família – a moça, na altura, só com oito anitos cumpridos.

E não se enganou porque a sobrinha deu início à prática de desportos de Inverno e de uma carreira que iria ser notória: do meio regional as suas potencialidades levam-na a destaque nacional e internacional, de júnior até sénior, a despertar em 1984 - vem o Mundial de 1989 em Winterberg.

Todavia, em 1988, dezoito anos feitos já havia participado nos Jogos Olímpicos de Calgary, sem destaque.

Pouco teve que esperar porque nos de Albertville, de 1992 ainda espreitou um lugar no pódio, ficou a meio segundo do bronze - lamentou e justificou essa posição devido a uma lesão num dos joelhos acontecida um mês antes dos jogos.

A sua perseguição ao triunfo não parou e para além do seu desempenho nos Mundiais, nos próximos Jogos de Lillehammer de 1994 foi mesmo para o mais alto do pódio, o ouro, uma campeã olímpica na perturbadora e custosa modalidade de LUPE.

Os próximos tempos iriam manifestar-se um pouco agrestes capazes de toldar a felicidade ainda pulsante do seu estatuto de campeã, a morte súbita de um irmão vítima de um acidente de viação e a especulação mediática devido a uma sua declaração.

Numa das suas mais contundentes declarações, por razões desconhecidas, Gerda transmitiu ao jornalista que "a única língua estrangeira que falava era italiana"!

Esta assunção muito relativa à sua origem de Bolzano e a integração italiana desencadeou reações atípicas porque Gerda era natural e vivia no seio da língua alemã.

Parece que os italianos não gostaram mesmo depois de Gerda haver desfeito o engano ou a má compreensão pois declarou mesmo considerar-se italiana dos quatro costados! Mas o pior ainda não havia chegado.

No decorrer do funeral do seu querido irmão

assaltaram-lhe a casa e roubaram-lhe a medalha de ouro conquistada.

Porém, no período de treino para os próximos Jogos de Inverno foi acicatada com ameaças telefónicas, certamente perturbadoras da sua tranquilidade e bem-estar. Uma vez mais voltou a esclarecer a confusão da entrevista!

Nos próximos Jogos de Nagano onde foi portadora da bandeira italiana, já havia deixado o LUPE e havia adotado o BOBSLEIGH (de dois), em 2001, de parceria com Antonella Bellutti. O mesmo nos de Salt Lake City, sem medalhas, mas com a mesma determinação e mudança de parceira, ficou na companhia de Jennifer Isacco com quem deu início a um trabalho duro no bobsleigh - nos Jogos de Turim de 2006 conquistaram o bronze.

E a sua carreira desportiva haveria de chegar ao fim - havia servido o desporto de 1980 a 2008 - e outra a esperava, a de guarda florestal.



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal

HUMBERTO MARILES

Campeão, Olímpico e da ... desgraça!



Evocar um atleta olímpico, com especial incidência um campeão, dos que se afirmam através do êxito e provocam uma estimulação positiva nos seus admiradores ou meros assistentes.

Todavia, nem sempre assim acontece porque ele também é um ser humano capaz de algo disfuncional ou menos digno na sociedade. E, alguns os casos que escureceram a virtualidade olímpica.

A esse propósito vamos recordar Humberto Mariles, um militar mexicano, com o posto de tenente-coronel que esteve nos Jogos Olímpicos de Londres de 1948, a edição que retomou a cronologia normal após o interregno de duas edições sonegadas pela Segunda Grande Guerra

Mundial.

Na sua qualidade profissional e como era normal naquele tempo, os militares beneficiavam da preferência e no caso do hipismo, devido à normal convivência com os cavalos - assim o determinou a sua participação em representação do México.

Regressou com duas medalhas de ouro (individual e equipa no salto) e uma de bronze no concurso completo. Para além de haver competido na edição de Londres de 1948 ainda voltou a participar nas seguintes de 1952 e 1956, em posições fora do pódio, mas nos Jogos Pan-Americanos de 1955 foi medalha de ouro na especialidade de saltos. E se a fama e a glória alcançada lhe

concederam o reconhecimento público e nacional tal benefício haveria de se diluir no futuro porque o militar, o cidadão mexicano iria demonstrar um comportamento que ficaria ligada à contravenção, ao crime público.

São na verdade histórias pouco ou nada condizentes com as personalidades em causa, comportamentos que ofuscam o orgulham nacional e deixam a maioria toldada pela indignação ou pelo decoro.

Vamos então ao cerne desta questão, à vida de Humberto Mariles. Apesar de o presidente do México de então se haver pronunciado negativamente não acreditando nas potencialidades de Mariles, um comportamento que haveria de enfurecer o atleta, este regressou a casa vergado ao peso das honrarias e das homenagens!

O Presidente haveria de se arrepender do pouco ânimo inicial e declarar publicamente que a vitória olímpica de Mariles e dos companheiros era um orgulho para o país! Na verdade, o atleta mexicano era o primeiro a levar para casa tantas medalhas.

E o negro futuro?

Em 1964 após um lauto e gostoso manjar, no regresso a casa, toldado pelo álcool, Mariles sofreu um acidente com outra viatura congénere - a paragem imediata e uma troca de opiniões que redundou em

discussão e, num estado de descontrolo, sacou da sua arma militar e disparou contra o opositor que acabaria por falecer. Segundo as crónicas, alheou-se da justiça, refugiou-se num local escondido e acabaria por ser julgado e condenado a vinte anos de prisão, uma sentença que não cumpriu totalmente e não sabemos como, haveria de ser libertado da prisão e ser homenageado publicamente como um herói nacional e honrado com uma manifestação pública.

Segundo a opinião de alguns cidadãos muito íntimos deste processo, a estadia de Mariles na prisão haveria de lhe proporcionar a convivência com outros criminosos, mais propriamente com indivíduos conotados com o tráfico de estupefacientes, uma ligação que haveria de o afetar profundamente no futuro.

Um presumível casamento de uma sua filha e uma viagem a Paris revela-lhe que ela tinha, em sua posse, sessenta quilos de heroína pura, uma fortuna para a época,

milhões de dólares e que segundo as intenções de ambos deveria ser levada para a América!

Num encontro com militantes do narcotráfico, Mariles e mais dois indivíduos suspeitos foram aprisionados quando se encontravam a comer num restaurante.

Declarações comprometedoras desses dois traficantes denunciavam-no conivente, como traficante e o campeão olímpico vai direito para a prisão onde esteve pouco tempo - acaba por falecer vítima de uma infeção pulmonar - análises posteriores revelam veneno nessa causa de morte, em duas autópsias cujos resultados nunca foram divulgados. Dizem que foi envenenado!

Após a sua declarada prisão, o governo mexicano ainda pediu a sua extradição, resultado infrutífero.

Sumia-se a glória de um campeão olímpico e afundava-se a memória do tempo em que havia sido idolatrado.

Coisas da vida!



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal

O assédio A recusa de uma atleta



Um impulso libidinoso e o sequente assédio sexual a uma campeã que o havia fascinado enquanto mulher, na pista - decorriam os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e Adolf Hitler, habitual, estava presente no Estádio de Berlim na expectativa de ver os atletas alemães esmagarem os estrangeiros. Os Jogos de Berlim retrataram a máxima politização do desporto olímpico, um programado e intencional aproveitamento, tendo em mira não só a glória desportiva da vitória como também afirmar e fazer subir o padrão da raça ariana. Num momento cerimonial Hitler tentou uma aproximação à atleta americana Helen Stephens que se afirmava, vitoriosa, no Estádio. Não resistindo, disparou-lhe um convite, colocando à disposição da americana a suite particular que detinha! Esta disponibilidade poderia não significar assédio, hipótese já colocada por alguns, todavia, o conhecimento do perfil do alemão sempre indiciou segundas intenções, pouco "honestas". Naquele momento, a atleta consciente de que se

tratava de uma descarada tentativa de conquista, não hesitou em responder com um redondo não, mesmo depois de notar que a mão do nazi escoregava por um sítio interdito! O ditador ainda fez uma segunda investida, desta feita para um fim-de-semana na sua casa de campo - outro não! Posteriormente, muitos anos depois, as más-línguas tornaram público que Helen Stephens, sendo a mulher que rejeitou Hitler, era ou se tornou lésbica, uma opção da sua liberdade humana.

Em termos meramente desportivos, os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936, criteriosos e intencionalmente escolhidos pela máquina nazi como uma oportunidade de colocar a imagem e o poderio germânico no topo. Genericamente, nessa autêntica manipulação política, apesar de alguns resultados positivos, os alemães acabariam por sofrer uma pesada humilhação. Os americanos demonstraram uma evidente superioridade ao vencerem a maioria das provas disputadas e alguns atletas alemães, mecanicamente preparados para vencer tudo e todos, foram, também eles, vítimas do próprio regime que demonstrou mão pesada na repressão e no castigo até. Durante o período do domínio nazi, o desporto, em geral, foi, inevitavelmente, afetado por vários condicionalismos de ordem social e económica e a Europa, ameaçada ou ocupada pela máquina expansionista alemã, estagnou, um fenómeno que atingiu drasticamente os atletas de todas as modalidades. Nesses Jogos de Berlim, em 1936, assas pretensões foram, com-

pletamente, esmagadas pelo desempenho de um atleta norte-americano, Jesse Owens que venceu os atletas alemães nas provas em que competiu - Luz Long, um atleta alemão que soube reconhecer a superioridade do americano e aceitar a derrota, uma realidade que não impediu a amizade entre ambos - o alemão iria ser destacado para a guerra onde acabaria por tomar.

Helen Stephens foi uma velocista do atletismo que chegou a ser considerada a mulher mais rápida do mundo. Quando terminou a sua carreira fê-lo sem nunca ter perdido uma corrida! Nasceu em Fevereiro de 1918 e faleceu em Janeiro de 1994. Começou muito cedo e também, muito cedo, a vencer.

Aos dezoito anos tinha já arrecadado nove títulos absolutos americanos e foi detentora durante muitos anos dos máximos das 100 jardas. Assim foi enquanto amadora porque, em 1937, embrenhou-se no profissionalismo, onde arrecadou triunfos em mais de uma centena de provas.

Elegante e generosa nos seus atributos físicos ao patentear a sua capacidade atlética e as suas conquistas, iria ser alvo de uma acusação que punha em causa a sua condição humana, o género feminino

Na prova dos 100 metros da anterior edição, a de Los Angeles, de 1932, derrotou a polaca Stanisława Walasiewicz, campeã em título dos jogos olímpicos anteriores. Essa perda não agradou aos polacos que, por razões óbvias, levantaram, publicamente a suspeita de que Helen era um homem. A questão foi, prontamente, resolvida pela atleta nor-

te-americana que, num gesto de carácter e seriedade se ofereceu para, voluntariamente, se sujeitar a uma inspeção a fim de comprovar ou não a sua condição feminina.

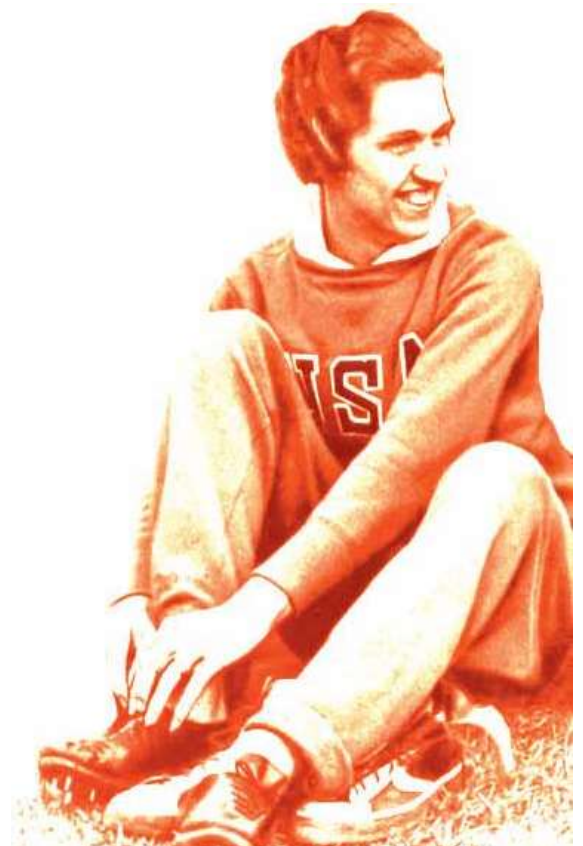
Os médicos constataram que Helen era na realidade de uma mulher!

Curiosamente, passados quarenta e quatro anos, em 1980, a atleta polaca vencedora nos Jogos de Berlim, foi vítima de um acidente num supermercado, apanhada no meio de um tiroteio entre a polícia e uns assaltantes - foi vítima de um tiro desviado, faleceu.

Estranhamente, sujeita a uma autópsia verificou-se que afinal era ... um homem!

Helen, no fim da sua carreira desportiva, alisou-se como voluntária

nas forças armadas sendo integrada num corpo especial dos "Marines". Durante o tempo que durou a Segunda Grande Guerra trabalhou no Centro Aeroespacial da Defesa, no Missouri. Terminada a guerra, ainda como profissional, jogou basquetebol, basquetebol e softball. Já retirada de todas as competições o seu gosto pelo desporto ainda a empurrou para outros eventos, no caso, encontros de veteranas onde teve oportunidade de dar livre curso à nostalgia de grande campeã que foi. Faleceu a meia dúzia de anos do novo século em que estamos.



OLIMPISMO



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal

ELENA MUSKHINA

Campeã do infortúnio



Teve vida muito curta.

Uma carreira em nítida ascensão, a demonstração de potencialidades que levaram todo o mundo à espera que atingisse o topo da ginástica mundial - em 1979 infelicidade sua, fracturou uma perna durante a execução de um exercício, uma paragem forçada e a uma ansiedade crescente olhos postos no futuro.

Dizem que a pressa demonstrada em voltar à competição iria ditar a sua desgraça - a duas semanas do início dos Jogos Olímpicos de Moscovo, num difícil movimento acrobático, o chamado salto de Thomas, caiu desamparada, cabeça no solo, pescoço quebrado!

Ano após ano, a atleta viveu amordaçada pela revolta de um passado que ia ficando mais para trás e relegava para o ostracismo uma vida que poderia ser outra no domínio do fenómeno desportivo, mais concretamente da área olímpica - acomodada a um presente que se lhe apresentava como prova de que estava viva, todavia remetida a uma vivência muito longínqua da glória que experimentou nos domínios competitivos em que vogou, nacionais e internacionais - deslizou, paraplégica, numa cadeira de rodas, uma situação em que tombara vitimada por acidente, na execução de um salto na ginástica feminina, difícil para os homens e quase impossível para o mais frágil contrário: a mulher!

Elena Muskina, ginasta soviética, viveu o resto dos seus dias, o cumprimento de uma sentença que a atirara para a imobilidade forçada, ajustada e remetida a uma cadeira de rodas, a esperança de um mundo que se virara do avesso.

Na verdade, era o retrato da infelicidade que de muito novinha a marcou. Com apenas três anos de idade sofreu com o gesto do pai que abandonou a família - dois anos a seguir perdeu o restante apoio, a mãe fora imolada num desastre, consumida pelo fogo - foi recolhida por uma avó que a criou e orientou para o resto da vida. Uma das suas virtudes foi o aconchego no clube TSKA onde deu andamento ao seu gosto e inclinação pela ginástica - tratava-se de uma instituição famosa que dedicava à modalidade uma atenção muito grande. Cedo Elena deu nas vistas e foi acolhida pelo técnico Mijail Klimenko, um dos melhores do mundo apesar da fama de que se adornara de muito exigente e disciplinador de mais.

A russa atingiu um estado de desenvolvimento que os mais diretos à sua volta a viam como a destronadora da extrema mundial, a romena Nadia Comaneci, a tal que havia alcançado o máximo da pontuação nuns jogos olímpicos: DEZ!

E Elena tinha a próxima oportunidade nos Jogos de Moscovo de 1980, os que haveriam de ser tocados pela estupidez

da política, um ato comandado pelos Estados Unidos. Elena tinha patenteado a sua superioridade no Europeu de 1977 e nos Mundiais seguintes.

Olhos postos nos Jogos de Moscovo de 1980, Elena foi submetida a um treino intenso por parte do técnico Klimenko que na ânsia de a guindar a um estado tal chegou mesmo a obriga-la à execução de provas muito íntimas da ginástica masculina.

Segundo os mais chegados ao que aconteceu o treinador induziu-a mesmo a praticar o tal "salto Thomas", um dos tais muito difíceis para os homens - recorda-lhe a necessidade de imprimir uma devida velocidade a fim de conseguir obter o êxito pretendido.

Porém, Elena parecia condenada ao infortúnio.

Segundo o que haveria de ser dito, o acidente de que foi vítima seria escondido no mais absoluto segredo e Elena não apareceu, como era óbvio, nos Jogos de Moscovo, um batismo que jamais aconteceria.

A sua ausência não foi notificada pelos responsáveis soviéticos que se remeteram a um segredo absoluto.

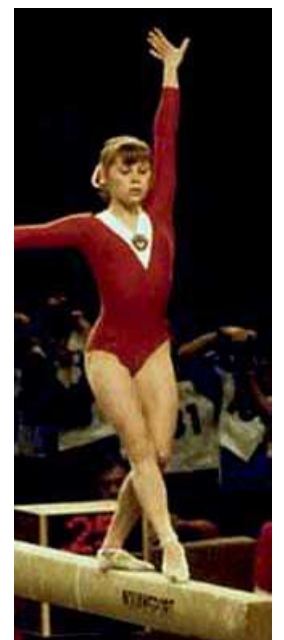
Somente a Federação Soviética de Ginástica tornou público que Elena havia sofrido uma lesão que a afastava dos Jogos! Só decorrido um ano é que a verdade foi tornada pública através dos jornais e acusada de querer executar

exercícios para os quais não estava preparada. A ginasta remeteu-se ao silêncio - a isso foi obrigada! Relativamente às questões do acontecido a jovem moscovita confessou:

"Não culpo nem condeno ninguém - fui estúpida - a única coisa que queria era justificar a confiança que tinham depositado em mim que poderia ter sido uma heroína!"

Voltou ao convívio pleno com a sua avó, Ana Ivanova, a mulher que a criara desde que ficara sem mãe. Foi colaboradora com alguns jornais russos.

Elena Vyacheslavovna Mukhina, seu nome completo, nasceu na União Soviética, no dia 1 de Junho de 1960, em Moscovo - faleceu a 22 de Dezembro de 2006.



Análise Desportiva
Futebol Profissional

Benfica

As portas que Sérgio Conceição abriu...

A equipa era muito forte e tudo parecia caminhar para um domínio interno relativamente fácil e para uma campanha europeia sorridente. Na realidade, o Benfica tem o melhor plantel do campeonato português. Mas o jogo frente ao F.C.Porto tudo mudou: Sérgio Conceição deixou os tijolos de lado e acertou em cheio nos pilares. O Benfica sentiu o rombo e de que maneira!

Não importa se joga o Mantorras, o Rafa ou o Rui Costa. O que interessa são as dinâmicas. Sérgio Conceição disse algo do género e encontrou uma espécie de caminho mágico para a periclitância tática do seu rival. Porque o Benfica vive muito das dinâmicas entre Rafa e Pizzi. E quando os caminhos entre ambos ficam tapados, os encarnados têm dificuldades em se encontrarem, e quando têm dificuldades em se encontrarem caem num dos seus principais pontos fracos: a incapacidade de se baterem frente a adversários dotados de maior poderio físico. Ou seja, sempre que o jogo entra no capítulo do corpo a corpo, o Benfica fica mais débil. Como se verificou na Rússia. E já para não falar de Pizzi, cuja baixa de rendimento tem dado um prejuízo significativo às aspirações da sua equipa, muito embora naturalmente tal até seja normal numa época longa nos seus altos e baixos.

Frente ao F.C.Porto, o Benfica respondeu bem na segunda parte com a entrada de Taarabt. Recuperou a bola e passou a transportá-la para uma zona mais próxima da baliza adversária. É redutor dizermos que o Benfica perdeu o jogo mas ganhou um jogador mas, de facto, a entrada de Taarabt trouxe algum frescamento à equipa. O jogador marroquino deu robustez física aos encarnados e uma maior capacidade para desequilibrar em zonas mais adiantadas contribuindo, também, para um jogo interior com mais soluções.

Mas os problemas continuam. Como ter Fejsa e não ter Florentino. Eu até que sou um admirador de Fejsa, sobretudo no capítulo da transição defensiva e da capacidade de fazer o adversário decidir mal quase de forma automática. Mas Florentino proporcionava algo de diferente nesta equipa: refiro-me à capacidade de efetuar inúmeras recuperações de bola em zonas adiantadas fator que, só por si, provocava descompensação ao adversário. Ora, se o adversário está desorganizado e a equipa do Benfica está instalada numa zona alta, naturalmente que os problemas de penetração na área adversária são positivamente maquiados e passam mesmo despercebidos. Até porque já lá não está João Félix para resolver o problema quando o mesmo não está devidamente camuflado pela conjuntura do jogo em si.

Ora, sobretudo nesta última partida frente ao Zenit, Bruno Lage tentou resolver problema com a presença de um médio em posição avançada, uma espécie de Taarabt em versão Herrera, como acontecia no ano passado no F.C.Porto. A questão é que, nesse capítulo, o mexicano está bem à frente do marroquino, sobretudo pela ocupação de espaço, rápida transição defensiva e definição mais precisa. E chegamos à frente de ataque, onde se acentua a minha maior dúvida: num esquema de apenas um avançado puro, porquê Seferovic e não Raul de Tomás?

É certo que o suíço segura bem a bola e acrescenta muita profundidade à equipa. Mas, nesse aspecto, não é Marega e, no outro, também não é propriamente muito hábil em termos técnicos. Entendo que o Benfica ficaria muito mais ganhar com o espanhol em campo, ele que está habituado a jogar sozinho na frente e mostra invulgar habilidade técnica, capacidade para jogar em apoio, leitura de espaço e tiro fácil. É claro que tudo pode ser justificável com a aura de Seferovic – melhor marcador da temporada passada – e a secura de golos de Raul de Tomás. Mas, neste domínio, entendo que o Benfica teria muito mais a ganhar em seguir o trilha da razão.

Ainda na Rússia, e sem Ferro no onze, o Benfica tentava sair por fora e confundir o adversário. Também Grimaldo mostrava grandes dificuldades no seu flanco, ora atacando com muitos adversários à frente ou então correndo desenfreadamente para a defesa a fim de compensar o espaço deixado vago e desprotegido pelo seu meio-campo. Todavia, foi um erro corporal de Fejsa que tudo deitou a perder e, valha a verdade, as coisas desintegraram-se quando até podiam ter sido diferentes. É o lance que marca o jogo sendo que competições como a Liga dos Campeões também se fazem do detalhe e da sorte, sendo que esses dois fatores constroem e não constroem campeões.

Num grupo onde o Leipzig me parece a equipa mais forte, ainda nada está perdido para os encarnados. Contudo, os próximos dois jogos frente ao Lyon serão autênticas finais. Banho de realidade precisa-se: se o Benfica fica a perder em relação aos alemães, tem tudo a ganhar em relação a Lyon e Zenit. Nada é impossível. Tudo em aberto. Razão.

por:
Gil Nunes
Jornalista Desportivo



OLIMPISMO

FLORA DUFFY

A eterna luta pela glória olímpica



destacou Campeã Mundial de Triatlo por três vezes mas que viu o sonho olímpico a desvanecer-se após uma luta tremenda pelo êxito devido ao afrontamento de uma anorexia e depois uma anemia.

O seu valor nas Bermudas era tremendo e foi tida e considerada como a melhor na corrida, ciclismo e natação – razão porque o Turismo das Bermudas a honrou dando o seu nome a um trilha turístico a que deu o nome de Rota Duffy – um significado enorme para um país tão pequeno.

Foi admirada a sua enorme força de vontade nitidamente expressa, na luta pela conquista de uma medalha olímpica, a de ouro, obviamente. Adornada pelas conquistas nos Mundiais de Triatlo não esquece o esforço desenvolvido na grave doença que ultrapassar. Razão para recordar os Jogos de Pequim de 2008 em que participou num menor estado físico devido à sua magreza – dez quilos a menos que evidentemente afetaram o seu desempenho fisicamente de uma anorexia que a afetava. Paralelamente sofria com os maus resultados nos Jogos da Commonwealth que a levaram a um isolamento de quase dois anos – tinha vinte anos de idade nessa altura e as consequências da anorexia iriam ter reflexo numa futura anemia. Igualmente as críticas ao seu trabalho nesses Jogos da Commonwealth pouco ou nada motivadoras – tinha vinte anos de idade!

Foi obrigada a um abrandamento no ritmo de treinos e uma tomada de consciência de olhar os próximos Jogos Olímpicos com determinação e esperar que o sonho se concretize: a satisfação pessoal e o reconhecimento da pátria. Pequim, Londres e Rio de Janeiro foram oportunidades sumidas na voragem desses contratemplos ou azares – uma esperança para os seguintes de 2020.

Nos Jogos de Pequim de 2008 não conseguiu terminar a prova – nos de Londres de 2012 ficou no 45º lugar apesar de no Rio ter ficado no oitavo lugar.

Nasceu em Setembro de 1987. Estudou na Academia de Warwick (Kelly College), em Tavistock, depois na Universidade do Colorado Boulder onde tirou o canudo de Sociologia.

Casou em 2017 com o triatleta sul-africano Dan Hugo – o casal vive em Stellenbosch.



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal

A participação olímpica de um ou de uma atleta, numa qualquer modalidade, nem sempre os resultados obtidos traduzem as suas capacidades, os seus desejos e, por vezes, a desilusão impera – as medalhas diluem-se na frustração ou na tristeza de ver os outros subir ao pódio!

São imperativos da vida atlética, circunstâncias que o homem ou a mulher devem enfrentar. Este desabafo assenta perfeitamente na vida desportiva, no protagonismo de Flora Duffy, uma atleta mundial do triatlo que, nas três edições olímpicas em que militou, os resultados obtidos estiveram longe das suas aspirações – nunca conseguiu subir ao pódio olímpico, ouvir o hino do seu país e desfilar garbosamente com a medalha ao peito – nos Jogos de Pequim (2008), Londres (2012) e Rio (2016) ficou a ver o imaginário!

O triatlo, uma tarefa “polidesportiva” integra três “provas” seguidas de nitida resistência e esforço: natação, ciclismo e corrida, em distâncias programadas que exigem um muito. Dia a dia o triatlo vai colhendo mais adesões tanto de atletas como de assistentes por se tratar de um espetáculo a despertar cada vez mais interesse.

Mas voltemos a nossa atenção para a Flora Duffy, cidadã britânica, uma notável representante das Bermudas que se

Análise Desportiva
Futebol Profissional

Seleção:

contexto e pequenas afinações a fazer

Foram dois percalços – Ucrânia e Sérvia – que não se efetivaram na prática. Nem um susto chegaram a ser. De facto, olhando friamente para as contas do grupo de apuramento, verificamos que a seleção portuguesa é a mais qualificada em termos coletivos e individuais, pelo que só um cataclismo poderia colocar Portugal fora dos dois lugares de qualificação. Estou certo de que nada de anormal se vai passar. Portugal vai estar no euro 2020 a defender o seu título e com algumas hipóteses de o reconquistar, se bem que neste caso o campeão nunca poderá ser apontado como o principal favorito à vitória.

É a realidade e por aí deverá passar toda a estratégia de comunicação. É muito complicado revalidar o título pois estará lá a França, a Alemanha, a Espanha, a Bélgica. Assumir-se uma estratégia em que a não revalidação do título seja algo de natural e a eventual reconquista uma positiva anormalidade. É lógico que sonhar é preciso mas os pés devem estar assentes na terra porque o amanhã também está aí à porta. E com ele 2022, 2024 e por aí adiante.

Em termos de questões mais concretas, de referir que a seleção está no bom caminho. Depois de um euro 2016 conquistado muito a jogar em função do adversário, Portugal desenvolveu-se e muitos jogadores jovens apareceram e foram puxados para a frente. Tal é resultante, diga-se, de um processo de capacitação das seleções mais jovens em que, mais do que os títulos, leva os jogadores a estarem mais vezes em cenários de decisão e de pressão, o que naturalmente os potencia e os torna melhores.

Neste grupo de apuramento, Portugal começou titubeante, concedendo dois empates frente à Ucrânia e à Sérvia. Não havia motivos para alarme e tal cenário foi confirmado logo de seguida com duas vitórias fora de casa que praticamente selaram o apuramento – Sérvia e Lituânia. No entanto, não é normal a seleção sofrer três golos em dois jogos, sobretudo quando dois desses golos foram obtidos na sequência de pontapés de canto. Seja como for, não considero este aspeto preocupante pois penso que com treino a situação ficará facilmente resolvida. Convém não esquecer que o atual cenário de seleção é feito em cima de dois ou três treinos, sem tempo para grandes afinações coletivas e sobretudo quando não existe um grosso da coluna proveniente de um só clube.

Neste ponto, impõe-se a criação e o reforço de soluções dentro de campo para aquilo que não existe. Na minha opinião um avançado com características diferentes das de Cristiano Ronaldo; e um defesa central com capacidade para iniciar a fase de construção a partir de trás. Sobre o primeiro ponto, Portugal tem muito a ganhar com a recuperação do fôlego competitivo de André Silva. Trata-se de um avançado que potencia o jogo interior, de toque curto e eficiente desmarcação rápida, que pode tornar o jogo português menos dependente da exploração da largura para desmontar adversários mais fechados. Não tendo como principal atributo o cabeceamento, a presença de André Silva faz ganhar pontos também nesse capítulo, o que se traduz numa menor dependência em Cristiano Ronaldo. Ora, se o melhor do mundo está menos dependente da equipa, naturalmente que tem todas as condições para fazer ainda melhor.

No segundo ponto, realço a necessidade de um central robusto no seu desempenho mas com capacidade para iniciar a construção a partir da defesa. Olhando para este perfil, dois nomes saltam desde logo à vista: Ferro e Rúben Semedo. Sobretudo este último. As recentes performances de Rúben Semedo no Olympiakos representam um importante tónico de otimismo para a seleção portuguesa. Era a pedra que faltava: um jogador que faça essa ponte entre linha defensiva e linha média e que acrescente ainda boa capacidade de recuperação, tornando a defesa efetiva parte integrante do jogo ofensivo da equipa. Algo que falhou no mundial 2018. Algo que a surgir vai libertar os médios e, logicamente, potenciar toda uma equipa para zonas mais dianteiras.

Carimbando-se a qualificação, Fernando Santos ganha todo o tempo do mundo para dar minutos ao jogador e, com isso, dar-lhe a experiência necessária para que a resposta seja efetiva na competição em fase final. Se tal acontecer pode evitar-se o que se passou em 2018 com Rúben Dias que, estou convicto, só não entrou para o eixo da defesa por falta de experiência e de minutos.

Numa seleção que vive num cenário altamente favorável, muito por mérito próprio e do seu selecionador, importa agora analisar-se bem o contexto e proceder-se às respetivas afinações. Nesta dupla jornada frente a Luxemburgo e Ucrânia que prevaleça a lei do mais forte.

A lei que põe Portugal à frente das restantes seleções.

Para que depois haja mais tempo para se preparar a fase final.

por:
Gil Nunes
Jornalista Desportivo



OLIMPISMO

ELENA MUSKHINA

Campeã do infortúnio

Teve vida muito curta.

Uma carreira em nítida ascensão, a demonstração de potencialidades que levaram todo o mundo à espera que atingisse o topo da ginástica mundial – em 1979 infelicidade sua, fracturou uma perna durante a execução de um exercício, uma paragem forçada e a uma ansiedade crescente olhos postos no futuro. Dizem que a pressa demonstrada em voltar à competição iria ditar a sua desgraça – a duas semanas do início dos Jogos Olímpicos de Moscovo, num difícil movimento acrobático, o chamado salto de Thomas, caiu desamparada, cabeça no solo, pescoço quebrado!

Ano após ano, a atleta viveu amordaçada pela revolta de um passado que ia ficando mais para trás e relegava para o ostracismo uma vida que poderia ser outra no domínio do fenómeno desportivo, mais concretamente da área olímpica – acomodada a um presente que se lhe apresentava como prova de que estava viva, todavia remetida a uma vivência muito longínqua da glória que experimentou nos domínios competitivos em que vogou, nacionais e internacionais – deslizou, paraplégica, numa cadeira de rodas, uma situação em que tombara vitimada por acidente, na execução de um salto na ginástica feminina, difícil para os homens e quase impossível para o mais frágil contrário: a mulher!

Elena Muskhina, ginasta soviética, viveu o resto dos seus dias, o cumprimento de uma sentença que a atirara para a imobilidade forçada, ajustada e remetida a uma cadeira de rodas, a esperança de um mundo que se virara do avesso.

Na verdade, era o retrato da infelicidade que de muito novinha a marcou.

Com apenas três anos de idade sofreu com o gesto do pai que abandonou a família – dois anos a seguir perdeu o restante apoio, a mãe fora imolada num desastre, consumida pelo fogo – foi recolhida por uma avó que a criou e orientou para o resto da vida. Uma das suas virtudes foi o aconchego no clube TSKA onde deu andamento ao seu gosto e inclinação pela ginástica – tratava-se de uma instituição famosa que dedicava à modalidade uma atenção muito grande. Cedo Elena deu nas vistas e foi acolhida pelo técnico Mijail Klimenko, um dos melhores do mundo apesar da fama de que se adornara de muito exigente e disciplinador de mais.

A russa atingiu um estado de desenvolvimento que os mais diretos à sua volta a viam como a destronadora da extrema mundial, a romena Nadia Comaneci, a tal que havia alcançado o máximo da pontuação nuns jogos olímpicos: DEZ!

E Elena tinha a próxima oportunidade nos Jogos de Moscovo de 1980, os que haveriam de ser tocados pela estupidez da política, um ato comandado pelos Estados Unidos.

Elena tinha patenteado a sua superioridade no Europeu de 1977 e nos Mundiais seguintes. Olhos postos nos Jogos de Moscovo de 1980, Elena foi submetida a um treino intenso por parte do técnico Klimenko que na ânsia de a guindar a um estado tal chegou mesmo a obriga-la à execução de provas muito íntimas da ginástica masculina. Segundo os mais chegados ao que aconteceu o treinador induziu-a mesmo a praticar o tal “salto Thomas”, um dos tais muito difíceis para os homens – recorda-lhe a necessidade de imprimir uma devida velocidade a fim de conseguir obter o êxito pretendido.

Porém, Elena parecia condenada ao infortúnio.

Segundo o que haveria de ser dito, o acidente de que foi vítima seria escondido no mais absoluto segredo e Elena não apareceu, como era óbvio, nos Jogos de Moscovo, um batismo que jamais aconteceria. A sua ausência não foi notificada pelos responsáveis soviéticos que se remeteram a um segredo absoluto. Somente a Federação Soviética de Ginástica tornou público que Elena havia sofrido uma lesão que a afastava dos Jogos! Só decorrido um ano é que a verdade foi tornada pública através dos jornais e acusada de querer executar exercícios para os quais não estava preparada. A ginasta remeteu-se ao silêncio – a isso foi obrigada!

Relativamente às questões do acontecido a jovem moscovita confessou:

“*Não culpo nem condeno ninguém – fui estúpida – a única coisa que queria era justificar a confiança que tinham depositado em mim que poderia ter sido uma heroína!*”

Voltou ao convívio pleno com a sua avó, Ana Ivanova, a mulher que a criara desde que ficara sem mãe.

Foi colaboradora com alguns jornais russos.

Elena Vyacheslavovna Mukhina, seu nome completo, nasceu na União Soviética, no dia 1 de Junho de 1960, em Moscovo – faleceu a 22 de Dezembro de 2006.



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal

OLIMPISMO**CINDY KLASSEN***“Rainha dos Jogos Olímpicos de Inverno de Turim de 2006”!*

O elogio, o sentimento e a satisfação quando as palavras brotam da figura de topo do Comité Olímpico Internacional – assim se exprimiu, protocolarmente, Jacques Rogge, em relação à patinadora no gelo, Cindy Klassen. Na verdade, a patinadora de velocidade havia manifestado uma visível supremacia em todas as provas realizadas até porque

havia superado os efeitos e recuperado durante três anos consecutivos de uma lesão, fácil de entender, mas difícil de aceitar – numa sessão de treino não pôde evitar um embate com o companheiro de labuta tendo sido afetados os tendões do braço direito, na sua maioria, fendidos por um patim. Foram três anos de recuperação física e anímica com a vitória arredada e que haveriam de a catapultar para o topo das vitórias nesses Jogos de Inverno. Curiosamente, a canadiana entrou para as provas de velocidade nas pistas de gelo após haver esgotado a sua crença ou a simpatia pelo hóquei no gelo, um amor pela modalidade que se havia esvaído por descontentamento e o sentimento de revolta pela não convocação para os Jogos Olímpicos de 1998 – descontente, arrumou o equipamento e apaixonou-se por outra modalidade a que

haveria de ser o seu amor, as tais corridas de velocidade nas pistas de gelo. Porém e estamos a léguas das razões que a levaram a tal procedimento, Cindy esquivou-se à missão de porta-bandeira na cerimónia de abertura desses Jogos de Turim – o tempo ou algo de muito positivo e benéfico levaram-na a atitude contrária na cerimónia de encerramento quando desfilou com a bandeira da pátria bem segura nas mãos! Havia conquistado cinco medalhas nas provas dos 1000, 1500, 3000, 5000 e por equipas – a primeira atleta do Canadá a conquistar cinco medalhas numa única edição. Voltaria a saborear a vitória nos 3000 nos Jogos de Salt Lake City e ... dinheiro no mercado publicitário. E se a glória a rodeou haveria de se confrontar com o azar da onda de lesões que a assoberbou – os joelhos traíram-na e vingaram-se do esforço

despendido anteriormente! Uma situação que lhe custou a aceitar e os sonhos em mais e melhor caíam – os próximos Jogos de Vancouver confirmaram o fim da sua glória atlética, um fenómeno confirmado pela equipa médica que já não acreditava nas capacidades dos seus joelhos. A esperança não morria e ainda acreditou nos Jogos de Sochi – em vão definitivamente – para bem longe as pistas de gelo e a velocidade que alcançava. Acabaria por tomar consciência desse estado e aceitar que de futuro a vanglória de um passado que lhe pertenceu. Chegou o ano de 2015 e havia que traçar o rumo futuro da sua vida e sobrevivência. Optou pela profissão de polícia. Outra conquista! Os seus dezasseis recordes mundiais alcançados enquanto deslizava nas pistas de gelo ficavam para o passado mas não para o esquecimento. Confessou que desde pequenina entrosou a ideia e o desejo de “um dia, quando for grande, ser polícia” – a exclamação de muitas crianças. E até ser bombeiros! Tinha atingido trinta e cinco anos de vida quando deu por terminada a sua carreira desportiva e enveredou pela de polícia – como autoridade patrulha, agora, as artérias de Calgary.

**Futebol Infantil**

> O Estádio Padre Sá Pereira, em Esposende, acolheu ontem domingo, dia 27 de outubro, a primeira jornada do Campeonato Concelhio de Futebol Infantil 2019/2020, competição que o Município de Esposende promove no âmbito do Plano Estratégico de Desenvolvimento Desportivo, com o intuito de fomentar a prática desportiva das crianças e jovens do concelho e a proximidade entre os pais e as associações desportivas.

O Campeonato Concelhio de Futebol Infantil decorrerá ao longo de sete meses, num total de 15 jornadas, culminando no dia 7 de junho de 2020. Os jogos realizar-se-ão quinzenalmente, nos campos e estádios de futebol concelhios, numa estratégia de descentralização e de aproximação à comunidade. À semelhança das edições anteriores, a arbitragem será assegurada por jovens do concelho com formação para o efeito.

Torneio de Damas

> Realiza-se nos dias 6, 13, 20 e de 27 novembro pelas 15h45, um Torneio na Casa da Juventude de Esposende. A participação no torneio de Damas é gratuita e limitada a 10 participantes, devendo as inscrições serem efetuadas até ao dia 4 de Novembro.



por: **Ilídio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal

ANÁLISE DESPORTIVA

Portugal: estancar a hemorragia e seguir em frente

O apuramento de Portugal para a fase final do europeu 2020 nunca esteve periclitante. A coisa esteve sempre mais ou menos controlada, se bem que houve deslizamentos a mais para se ultrapassar um grupo relativamente acessível. Portugal esteve razoável menos. Mas, nestes últimos dois jogos, provou que está no bom caminho para se recompor. Seja como for, o que importa é estarmos no europeu. Mais nada!

Portugal estava a consentir demasiadas oportunidades de golo aos adversários e, naturalmente, também golos a mais. Sobretudo de bola parada. É lógico que o fator treino e repetição do mesmo é decisivo para a equipa se equilibrar e, com isso, estancar-se a hemorragia provocada pelos pontapés de canto dos adversários. Frente a Lituânia, Sérvia e Ucrânia, a seleção nacional sofreu golos que seriam inadmissíveis numa fase final mas que são controláveis neste período da competição. Mas havia que estancar a hemorragia e resolver a gripe para ela não se transformar em pneumonia.

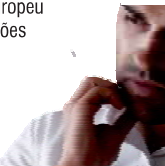
Frente à Lituânia, Portugal apostou numa estratégia de forte pressão junto à zona de construção adversária, deixando a nu a inferior qualidade técnica dos lituanos. Com o campo aparentemente mais reduzido, Portugal captou a bola em zonas superiores e, com isso, teve engenho para exponenciar o resultado. Não deixa de ser curioso constatar-se que Gonçalo Paciência não é a primeira escolha para jogar ao lado de Cristiano Ronaldo, é certo, mas ainda mais curioso é verificar-se que Gonçalo Paciência é o jogador com o perfil mais adequado para o jogo de Cristiano Ronaldo. Isto porque Gonçalo Paciência é mais habilitado ao choque, ao jogo direto de área, à tabela rápida, potenciando Ronaldo para zonas mais baixas e dando a este maior liberdade de ação e de finalização. E, neste último tópico, Ronaldo é mesmo imbatível: em zonas de finalização, com ambos os pés ou de cabeça, é o melhor jogador do mundo e a uma larga distância dos seus mais diretos rivais. A finalizar não há como ele!

Se a finalizar não há como Ronaldo, a criar há poucos como Bernardo Silva. O campo onde Portugal defrontou o Luxemburgo é impróprio para um jogo de qualidade e, em face do avanço do relógio e da necessidade de vitória, chegou a pensar-se que o jogo direto seria a melhor solução para se alcançar o golo. Mas a criatividade de alguns jogadores consegue brotar mesmo no meio dos batatais. Impressionante a forma como Bernardo Silva realizou duas assistências em terreno difícil e, com isso, desembrulhou um jogo complicado no seu conteúdo. O jogador do Manchester City aproxima-se cada vez mais da excelência e vai retirando, residualmente é certo, os holofotes de Cristiano Ronaldo, permitindo que ambos saiam beneficiados com esse facto. Tal como Cristiano Ronaldo fez com Figo, há uns quinze anos a esta parte.

A seleção nacional está bem melhor do que estava quando venceu o europeu de 2016. Sobretudo no ataque as soluções multiplicaram-se. Está mais criativa e mais propensa à reação ao imponderável. Se bem que ainda não atinja os níveis técnicos da seleção de Figo, Rui Costa e Deco, a seleção portuguesa pode ser, de facto, praticamente imbatível. O próximo passo é respirar-sefundo na senda da tranquilidade garantida a quem já se qualificou para o europeu. Depois continuar a resolver pequenos problemas. Com treino, com muito jogo amigável. Com adversários escolhidos a dedo. Relembre-se que uma das bases da conquista do europeu foi a realização de amigáveis e os respetivos testes e medição do alcance da equipa. Porque dizer-se que somos favoritos ou não somos favoritos é sempre muito discutível. É preciso medir e definir uma espécie de ranking. Perceber-se em que nível da escada em que estamos, quem temos à nossa frente e atrás de nós.

Depois, há que gerir expectativas e frustrações. É mais provável Portugal ganhar o europeu novamente do que F.C.Porto ou Benfica ganharem a Liga dos Campeões. Mas o mais provável é mesmo não ganhar. A gestão emocional vai assumir uma parte importante de todo o processo. Dentro e fora do campo. O futebol é uma modalidade onde a componente da emoção é decisiva em todo o seu contexto de benefício e de malefício. Contudo, há que colocar um travão. Que o 12º jogador traga o seu efeito mas sempre de forma realista e ajustada ao contexto.. Porque, se for assim, Portugal pode não ganhar o europeu mas pode estar apto a vencer duas ou três competições em dez possíveis!

por: **Gil Nunes**
Jornalista Desportivo



OLIMPÍSMO

BÉLA KÁROLYI UM “FAZEDOR” DE CAMPEÃS



Por suas mãos passaram as mais destacadas atletas da ginástica olímpica. Curiosamente, não foi a modalidade por ele praticada quando teve oportunidade de participar nos Jogos Olímpicos de 1956 – nesta edição participou no boxe (campeão júnior da Roménia e no atletismo, mais propriamente no lançamento do martelo), duas realidades completamente diferentes!

Uma ida a Melbourne, na Austrália, e um regresso a casa sem uma qualquer medalha!

Nasceu em Kolozsvár, ao tempo pertencente ao reino da Hungria, hoje território romeno) e foi nessa experiência olímpica que conheceu a sua futura esposa, Marta Eross.

Tocado pelo fenómeno desportivo pensou na sua formação académica e acabou por se matricular na Faculdade de Educação Física da Roménia onde ingressou apesar de haver esbarrado com sérios problemas nas provas de seleção na área da ginástica. Seria nesta modalidade que iria patentear a sua classe porque ainda no último ano do curso foi nomeado treinador da Equipa Feminina onde militava e era estrela a namorada Marta Eross (contraíram matrimónio em 1963). Já diplomado daria continuidade à sua carreira de treinador na Ginástica Feminina na Roménia e depois nos Estados Unidos da América para onde emigrara, fugido à ditadura do seu país. Radicaram-se em Oklahoma.

Pelas suas mãos e pelo seu método de treino passaram, pelo menos conhecidos e identificados, nove campeãs olímpicas – uma alusão muito especial para a sua aluna Nadia Comaneci que ficaria célebre para sempre nos Jogos de Montreal de 1976 quando obteve a nota máxima, o célebre “DEZ”. Igualmente e paralelamente ao fenómeno olímpico, dos seus pupilos, mais quinze mundiais, dezasseis europeus e meia dúzia nacionais dos Estados Unidos.

Na sua fuga para os Estados Unidos passou maus bocados, dificuldades financeiras, mesmo ultrapassadas pela Marta com uma ocupação nos serviços de limpeza de uma unidade hoteleira – constantemente na lembrança a filha Andrea de sete anos que foram obrigados a deixar na Roménia por motivos de estratégia migratória forçada. A criança haveria de crescer e especializar-se na área do nutricionismo e trabalhar com os pais, cuidando das ginastas olímpicas num centro de treinos propriedade do casal.

Esta sua decisão haveria de ser bem-sucedida após o sucesso do trabalho efetuado com a Campeã Olímpica Nadia Comaneci e outras como Mary Lou Retton, Ecaterina Szabo, Betty Okino,

Teodora Ungureanu, Kim Zmeskal, Kristie Philips, Phoebe Mills, Dominique Moceanu, Kim Zmeskal e Kerry Strug – o reconhecimento nacional americano!

Já radicado em Houston alguns anos após o sucesso com Nadia Comaneci, Bela Karolyi foi incentivado a adquirir o ginásio onde treinava e onde deu continuidade ao seu trabalho técnico até outro, o de Mary Lou Retton em 1984, facto que o levou a comprar um espaço, o denominado “Rancho Karolyi”. Aí montou uma estrutura que o levaria a sucessivos êxitos. Curiosamente, este rancho foi adquirido graças ao investimento da McDonald’s, em troca de publicidade.

Por lá passaram os melhores atletas do mundo. O sério trabalho de Bela Barolyi não ficou imune às críticas dos menos capazes e de alguma especulação que verteu da fama alcançada e dos resultados obtidos. Na verdade, muito se disse sobre os métodos de trabalho usados assim como a questão alimentar e o tratamento de acidentes, as naturais lesões, ressaltando grau de exigência que o treinador usava na preparação atlética. Esta alusão chegou mesmo ao exagero quicá comentários oriundos de setores mais ciumentos com os resultados obtidos pelo romeno e quando confrontados refutavam, completamente, esses comentários alegando que a implementação de seriedade no trabalho ultrapassava métodos antiquados. O seu método de trabalho ficou conhecido como “Centralismo” que aliava as capacidades dos atletas às condições das infraestruturas e à disciplina de treino. Este famoso programa de treinamento oriundo da Roménia vinha já dos anos cinquenta do século vinte com desenvolvimento até aos setenta.

Barolyi deu início à sua ronda internacional em 1974.

Não será de estranhar a sua atitude em organizar um campo de treinos e formação totalmente à margem do que se vinha fazendo nos clubes ou nas instituições desportivas – os romenos adquiriram um rancho americano e aí criaram as condições que julgavam as ideais para levar à custa de muito trabalho ao êxito desportivo. A partir de 1996, ano em que ambos os treinadores, o casal, se aposentou, os resultados obtidos por outros ficaram por números insignificantes. Face ao que aconteceu ambos foram novamente solicitados a retomar o ritmo antigo apesar das reações de outros técnicos americanos – reabriram o rancho, o centro de treinos, novamente!

Um dos problemas mais graves que teve de enfrentar disse respeito a um escândalo de abuso sexual na área da Ginástica dos Estados Unidos e que envolveu um médico da equipa do Karolyi Ranch embora ele estivesse completamente alheio. Este escândalo iria provocar-lhe dissabores e mais propriamente no negócio que envolvia a USA Gymnastics e que acabou por desistir, muito recentemente - em 2017 e 2018. Bela Karolyi teve a honra de ser inserido no Hall da Fama Internacional de Ginástica, em 1997, bem como a esposa Marta no Hall of Fame da U. S. Gymnastics, em 2000.



por: **Hlúdio Torres**
Membro da Academia Olímpica de Portugal
- Órgão do Comité Olímpico de Portugal

OLIMPÍSMO

Ahmed Al Maktoum Do squash ao tiro

Nem todos a mesma ... sorte!

Independentemente das capacidades demonstradas, alguns atletas, no caso, do universo olímpico, não beneficiam das condições ideais para o desenvolvimento de uma qualquer modalidade desportiva – oriundos de meios menos favorecidos ou inseridos em instituições de parca sustentabilidade económica, deparam com sérios obstáculos para levar por diante a sua prática desportiva, ao contrário de outros que conseguem vencer essas dificuldades e até alcançar o triunfo e a glória.

Este presumível devaneio vai-se diluir na voragem do pensamento e contrariar a nossa intenção futura e evocar um ser humano que para além de patentear sérias aptidões e haver alcançado mesmo o ouro olímpico estava e certamente ainda está inserido num meio economicamente rico e até socialmente favorável – pertence a uma família dos Emiratos Árabes, farta e da área governamental.

Vamos apontar “armas” a Ahmed Al Maktoum um homem, um atleta do poder, da realeza árabe e que após um período de luta conseguiu alcançar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Verdade que o seu nome surgiu no panorama olímpico por haver tido a honra de conquistar a primeira medalha de ouro para os Emiratos Árabes Unidos e trata-se na verdade de um Sheik que se distinguiu na modalidade de Tiro, disparos certos que o levaram ao estrelato.

Era na verdade um soberano, um chefe de prestígio que no meio árabe é figura considerada do seu clã, endinheirado. Interessante que apesar de haver alcançado o triunfo no Tiro, esta não foi a modalidade há muito abraçada e praticada durante muito tempo, o denominado Squash, onde no seio de quatro paredes golpeava uma bolita com uma raqueta, numa disputa de singles ou de pares. Trata-se de uma modalidade que alcançou um prestígio mundial, está reconhecida pelo Comité Olímpico Internacional, mas ainda não integrado na programação de uma edição apesar de quase haver sido considerada a sua prática nos Jogos de Londres de 2012 e nos do Rio de 2016. Dizem que uma das dificuldades a ultrapassar é o espaço redidido em que é praticado que impossibilita a vista do público.

E Ahmed Al Maktoum até se distinguiu no Squash, a tal modalidade em que na sua terra foi campeão nacional por duas vezes – dizem que o sonho de ser olímpico o levou a abraçar outra modalidade com hipóteses de êxito. Talvez!

E virou a sua atenção para o Tiro mesmo com uns anitos no corpo – trinta e quatro havia já completado e por mais estranho que pareça, as armas nunca lhe foram estranhas, um elemento presente e necessário nas frequentes caçadas familiares em que participou desde pequeno.

Foi uma prática, um exercício a que dedicou muito do seu tempo, horas e horas contínuas de tiro – chegou a contabilizar os seus disparos que alcançaram a bonita safra de cinquenta mil por ano, seis ou quase sete vezes o de um normal atirador. E assim até atingir um estado de forma que o levou aos Jogos Olímpicos – Sidney em 2000 (resultados modestos) e nos seguintes de Atenas, em 2004, em que viria a alcançar a medalha de ouro – repetiria a façanha no Mundial de Lonato, no ano seguinte, em 2005.

O Dubai, a sua terra enchia-se de orgulho e satisfação.

Voltaria ao terreno olímpico em 2008, em Pequim – uma desilusão!

Dedicou-se ao ensino e à orientação com resultados excelentes – um dos seus discípulos, o britânico Peter Wilson seria ouro nos Jogos de Londres de 2012!

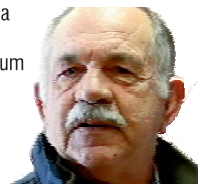
A par desta alegria a tristeza de se ver confrontado com uma doença grave ao nível coronário – defeito de trabalho nas válvulas. Interditada e proibida a prática competitiva dedica algum do seu tempo nuns tiros esporádicos. Gerou dentro de si o projeto, a ideia de fomentar a modalidade nos Emiratos Árabes, escolas de formação e organização de provas.

O futuro de um campeão!

Ahmed Al Maktoum nasceu em 31 de Dezembro de 1963.

por: **Ilídio Torres**

Membro da Academia Olímpica de Portugal



ANÁLISE DESPORTIVA

Abram a jaula dos criativos!

Benfica e F.C.Porto são equipas muito diferentes na sua morfologia, e eu até nem quero ir mais longe e dizer que são a antítese uma da outra. Porque quase que o são. Mas não deixa de ser curioso que ambas têm crescido (falo do último jogo do F.C.Porto frente ao Tondela) a partir do momento em que os seus jogadores mais talentosos são colocados em campo. Abram a jaula dos criativos e salvem o jogo!

Se o Benfica vive muito das dinâmicas que cria no miolo mas tem alguma debilidade física que a condiciona em jogos de maior dimensão, o F.C.Porto vai afinando pelo diapasão contrário: à robustez física, ao laboratório minucioso, contrapõe-se um tipo de futebol que leva à previsibilidade e que condiciona a obtenção de pontos frente a equipas de menor dimensão.

Mas, depois de Belém, os dragões perceberam que têm de realizar algumas mudanças. Têm mesmo. Mais bola no pé pressupõe um risco maior, mas o mesmo pode ser contrariado através de uma característica fundamental: a forte reação à perda. E aí a defesa do trabalho de Sérgio Conceição: esta forma de estar em campo pressupõe tempo, pressupõe treino, e pressupõe um compromisso do individual em relação às necessidades imperiosas do coletivo. Que se viu frente ao Tondela.

Certo é que se tudo estiver envolvido em jogadores criativos, o cenário torna-se mais estável. Com Luis Diaz a explorar as faixas e as pequenas diagonais, Otávio a pegar o jogo mais na retaguarda e sobretudo Nakajima a desequilibrar em cada uma das suas ações, os dragões deram o salto natural para a melhor exibição da época, isto depois do jogo menos conseguido frente ao Belenenses e de muita instabilidade demonstrada frente ao Feyenoord.

Porque a criatividade e o risco resolvem muitos problemas. Às vezes problemas invisíveis, que não se efetivam mesmo como problemas. No Benfica, a entrada de Chiquinho permitiu uma maior dinâmica de uma linha média geralmente definida a quatro, com Pizzi, Gabriel e Taarabt a juntarem-se ao ramalhete. Se Taarabt mostra perícia na forma como conduz e progride, Gabriel é o pêndulo, e Pizzi vai abrindo e voltando ao seu bom rólulo de relógio suíço – poucos passes falhados e uma invejável capacidade de concretização – Chiquinho solta-se e transporta o Benfica para um nível diferente. De facto, a essência do futebol é isto mesmo: um jogo criativo, imprevisível, em que a componente técnica é difícil de contrariar pelo coletivo. E o belo do jogo é a forma como nem tudo é linear, e o criativo deve ser ajustado em função das necessidades da equipa. Tudo em rede.

Depois, também a forma como o campeonato português tem dois médios com uma capacidade de finalização do melhor que há por esta Europa fora: Pizzi e Bruno Fernandes. De facto, a permanência de ambos num contexto de seleção pode ser altamente benéfica, e não foi por acaso que ambos saltaram para o onze inicial nos últimos jogos da fase de qualificação – Lituânia e Luxemburgo. Portugal precisava de golos, precisava de produtividade e, dadas as características dos adversários em questão, a titularidade de ambos era quase uma necessidade imperiosa.

Por falar em Bruno Fernandes, o Sporting cresce a olhos vistos muito por mérito de um treinador que vai reconstruindo a equipa de forma muito sábia. A equipa está mais coesa no plano defensivo e, ofensivamente, vive muito da forma como os extremos e os atacantes interpretam os movimentos e colocam mais gente na área na altura da finalização. É claro que Bruno Fernandes é intocável mas não deixa de ser curioso que o Sporting vai também crescendo na medida em que se torna menos dependente do seu melhor jogador. Com efeito, Silas vai tocando nos pontos certos e puxando o Sporting mais para a frente. Ou seja, a necessidade de se contrariar a dependência excessiva em Bruno Fernandes. A ser resolvida. Depois, a questão do guarda-redes, em que retira Renan Ribeiro e puxa para a titularidade um guarda-redes, Luís Maximiano, do melhor que se tem visto no futebol português dos últimos tempos; e, por último, vai aproveitando os ditos jogos para cumprir calendário – como o jogo frente ao Lask Linz – para tentar puxar uma segunda linha mais para a frente. O plantel do Sporting não é muito rico e necessita urgentemente de uma segunda linha capaz.

Na ausência de capacidade financeira nada como recorrer à formação e procurar as soluções necessárias. Não tenho dúvidas:

o Sporting só teve a ganhar com Silas!

por:

Gil Nunes

Jornalista Desportivo

